ANNO XXVI — N.º 31
Rio, 30 de Julho de 1932
— PREÇO: 1$000 —

A saude acima de tudo
PARA a conservação desse tesouro que é a saude, é indispensavel a pratica dos sports. Assim revigora-se o corpo, tornando-se o espirito alegre e otimista.
Quando um mal fisico nos ataca o organismo, devemos defende-lo usando tão sómente medicamentos que por sua insuperada qualidade e pureza, mereçam absoluta confiança.
CAFIASPIRINA
o remedio de confiança
BAYER
o analgesico por excelencia para as dôres de cabeça, de dentes, de ouvido, enxaquecas, nevralgias, reumatismo, incomodos femininos, resfriados, etc. Alivia as dôres com surpreendente rapidez, sem deprimir nem prejudicar o organismo.

O conto brasileiro

Gotta Serena...

De

HEITOR MARÇAL

OS tropeiros que viajavam com cargas de negocio, ou tangendo boiadas, costumavam fazer pouso ali. E, muitas vezes, si a noite os alcançava, pernoitavam. Ali era o ponto da primeira etapa da viagem: um estirão puxado de bôas leguas. Era um cochicholo de taipa meio derruido, onde, pelas paredes largando o reboco, o melão de São Caetano marinhava florido. Havia muitos annos atrás as tropas desviavam da estrada que passava á porta daquella casinhola, tomando por trilhas de acaso, embrenhando no matto, com receios fundados. E' que o João Molambo, velho cabindo, entocára-se lá, e tinha artes com o Capeta... E as historias boquejadas num raio de seis leguas em redor afugentavam os passantes. Com a morte da mulher do feiticeiro, as coisas voltaram ao seu termo. Ninguem lhe fugiu mais do casebre onde muitos começavam a se abrigar. Tambem o João Molambo, agora, era um traste cego, largado num toro de piuba o santo dia todo, dando a impressão de cachimbar ali, de sol a sol... Quando presentia que as tropas se aproximavam; pela melodia aspera dos sincerros, punha-se de pé, procurando adivinhar de onde vinham, com os ouvidos attentos. Acolhia todos com um sorriso hospitaleiro.

— Bençam, padrinho!

Parecia inspeccional-os com os olhos sem luz, mortos, apagados. Os reconhecia pela fala:

— E' o filho do finado Malaquias? Não é?

— Senhor sim.

— Desapeie, moço.

Então gritava para o interior da casa, chamando a filha:

— Gente Quequé!

Uma cabrocha fornida vinha attender aos hospedes. E o preto velho, inalteravel, volvia ao seu cachimbo como si nada tivesse succedido.

Da Quequé, a filha do antigo curandeiro, se dizia cada coisa! Era, a crer nas más linguas, a chamma do pouso de tropeiros errantes, a causa da reconciliação do resto do mundo com aquelle recanto, que mais de uma geração considerára maldito. Até certo ponto tinham razão. Porque a afluencia para lá só se verificára depois que a menina fôra se fazendo moça, se botando mulher...

*

A vida do João Molambo, apesar do muito que se falava a seu respeito, era pouco conhecida. Sabia-se, vagamente, que viéra de Pernambuco, fugido, já grandote. Construira a sua choça naquelle pedaço de chão, tomára mulher e vivêra espalhando o terror e o mêdo nas vizinhanças, até a sêcca dos tres 8, quando a mulher morrêra na peste do cholera... Apesar da desconfiança que inspirava, não fôra uma, nem duas vezes, que lhe bateram a porta, atraz de meizinhas ou vindo buscál-o para benziduras! Sarara muita gente naquellas bandas! Emfim, ficára cégo... E como adquirira essa cegueira!

Depois da morte da mulher, fugiu do scenario do seu soffrimento como si fugisse do proprio soffrimento, indo para São Matheus. E lá curára a filha de um fazendeiro a quem uns olhos de sêcca pimenteira tinham posto mal olhado. Além da paga, uns bons pares de moedas, recebêra, tambem, o que ia ser a sua desgraça: um velho livro, um "Lunario Perpetuo", obra onde se ensinava a tratar... Com vergonha não disse que não sabia ler. Pelo contrario, recebeu-o com mostras de entendido. E como as saudades fossem muitas e o dinheiro chegasse voltou, logo, ao seu pouso. E começou a tortura, a ansia de decifrar os mysterios daquellas folhas impressas. As noites vinham encontrál-o com os olhos humidos, namorando aquellas letras. Que diziam ellas? Que ensinariam aquelles desenhos? Que guardariam? Emquanto isso, a filha crescia ao léo, rondada pelos olhos cupidos dos caboclos que cortavam a estrada, e já começavam a estacionar á porta com o pretexto de alcançarem um pouco dagua, ou mesmo sem pretexto nenhum.

Os olhos de João Molambo doiam e ameaçavam chorar sempre. E aquella febre de saber, aquelle desejo permanente de desvendar o que continham aquelles traços impressos não o abandonavam. De uma feita, mirando-os, á luz indecisa do lusco-fusco, viu os caracteres augmentarem, repuxarem-se, tomarem novas fórmas, dançarem na sua vista. Até que se foram escurecendo, formando uma pasta negra, igual. Levantou os olhos e só viu treva em redor. Sentiu os olhos de luto. Fôra a gotta serena que o atacava. Era a cegueira irremediavel. Assim mesmo não ficára descontente. De que lhe valia ver, si não podia penetrar no segredo daquellas letras? E abençoôu a cegueira que o libertava do seu martyrio...

*

Um dia, bateu-lhe em casa uma escolta de matta cachorros, procurando um preso que fugira da cadeia de Limoeiro. A filha os recebeu. Ouviu-os parlamentar baixinho e depois irem s'embora. E, uma hora depois, como chegasse uma tropa de cargueiros, chamou a Quequé. Ninguem respondeu. Gritou mais alto. Correu os quatro cantos da casa. Nem signal! Comprehendeu tudo: a filha fugira com as praças da policia. Voltou ao cachimbo, sem se alterar, após despedir os tropeiros. E, como uma casa fechada, vivendo para si, ouviu, melancolicamente, a musica dos chocalhos se afastando pela ultima vez, porque, ao outro dia, os vaqueiros de uma boiada que toparam no velho cochicholo o encontraram ainda da banda de fóra, morto, com o cachimbo esquecido a um lado...

«MATEMO-NOS...»

DESDE a origem do mundo, o homem mudou menos do que pensa. Os velhos sentimentos eternos continuam a ser o alimento do seu coração, accommodados, é verdade, ao molho do dia — o que dá muita vez um ensopado mal feito. Madame, de volta da piscina, onde acaba de jogar um *match*, com as amigas, e *monsieur*, ao sahir do bar, onde acaba de tratar os seus negocios, podem trazer ao lar um complexo sentimental que não abandonou, ha alguns cem annos, o mais puro *ménage* romantico. E basta abrir um jornal para topar com a historia de dramas de amôr que imaginaram Dumas, Sand, Hugo e Shakespeare.

Não é, pois, surpreza que Georges e Fanny Desbréaux, casados justamente ha um anno, formem um jovem casal ao mesmo tempo muito pratico na orientação de vida e muito desorganizados nos movimentos do coração. Ella tenta em vão dominar os nervos quando se trata de fazer cento e vinte pela estrada, elle tenta em vão não carregar o sobrolho quando soffre uma grande differença na Bolsa. Quando se acham presentes um do outro, essa ponderação cahe, esse equilibrio se dissipa. Por que? Porque Fanny é ciumenta, porque Georges é casmurro e esses dois traços de caracter levam necessariamente um casal a rusgas de onde surgem os peores effeitos de exaltação.

Devemos reconhecer que naquella noite o ciume de Fanny era dos mais legitimos. Chegando á casa antes de Georges, achou sobre a escrevaninha do marido, uma agenda que elle tinha geralmente o cuidado de guardar na gaveta. Ella apressou-se em folhear as paginas e uma indicação, escripta na ante-vespera, fizéra reter-lhe os olhos, suspender-lhe a respiração e gelar-lhe o coração:

Esta noite, 9 horas, em casa da "encantadora" Lucette Ge...

Ora, na ante-vespera, Georges sahiu, depois do jantar, para dar um gyro, desembaraçar as pernas depois de um dia de immobilidade. Fanny — ella se lembra muito bem — offereceu-se para acompanhá-lo ao passeio, elle respondeu que queria ao menos andar 6 kilometros, a passo largo e cadenciado e que ella não a vira aguentar, á tarde, aquella marcha. Fanny não insistiu, fatigada, aliás, de um dia agitado. Deitou-se esperando Georges, que só voltou á uma da manhã; elle havia, dizia elle, encontrado amigos; entraram num bar; beberam, discutiram e a meia-noite chegou sem que elle se apercebesse...

— Mentiras! Mentiras! murmurava Fanny em lagrimas, cravando, de raiva e de dôr, as unhas nas palmas das mãos... Que miseravel! Estava com uma mulher!

Nesse momento, a porta de entrada abriu-se: Fanny enxugou os olhos, fechou depressa a agenda. Um instante depois, Georges penetrava no escriptorio, dirigindo-se á mulher para beijál-a: ella recuou. Elle olhou-a e deante da pallidez do rosto, carrancudo, disse:

— Que ha? Que tens?

— Onde estiveste ante-hontem, depois do jantar? Georges, não mintas!

— Onde estive? Mas... eu te disse!

— Não tens razão para te perturbares, meu amigo; estou muito calma. Conta-me em que empregaste tua noite; esqueci-o.

Ah! Tu?...

No emtanto, percorria com o olhar a escrevaninha e avistou a agenda. Então, num tom sêcco:

— Ah! Ah! Mexeste nas minhas coisas!

— Não, não mexi; é meu systema. Emquanto que o teu é trahir, trahir tua mulher confiante! Abri, por acaso, a tua agenda...

— Por acaso?

— Sim, por acaso. E li na data de ante-hontem o que tu sabes!

Elle tentou conservar-se calmo:

— E depois?

Ella explodiu — censuras e soluços ao mesmo tempo:

— A *encantadora Lucette G...* Ah! como é máu annotar por escripto as suas infamias! Enganaste-me, tu, tu que eras tudo para mim!

— Não! Mas é falso!

Por sua vez, elle exclamou violentamente:

— A "encantadora" Lucette G...! Queres saber tudo?... Mas, olha!... "Encantadora" é entre aspas: é assim que a chama seu amigo, o senador Mingral. Mas não é absolutamente encantadora; é uma mulher madura, ainda bonita, talvez, mas que não é meu typo... Meu typo, és tu!

— Não me toques, mentiroso!

— E si eu fui á casa della, é porque tem muita relação e póde recommendar-me a certos financi-

De Henry Falk

tas, para uma commandita... para a fabrica de motores que eu vou montar...

— Não é verdade! Si fôsse verdade, tu me terias dito.

— Não te disse nada porque não acho muito glorioso constituir um capital com apoios femininos... Comprehendeste agora?...

— Sim, eu comprehenderia si tu não me houvesses dito nada! Mas tu me disseste outra coisa! Logo, tu me mentiste! Logo, eu não te creio! A "encantadora" Lucette G... é tua amante!

— Não é verdade! Juro-te sobre as nossas cabeças!...

— Não creio nos juramentos dum mentiroso!

— Fanny, toma cuidado!... Vou levar-te pela mão á casa dessa mulher e constatarás por ti mesma...

— Sim, maroto! Pensas que eu me presto a teu jogo! Ridicularizar-me deante da tua cumplice! Depois de teres trahido, queres aviltar-me!

Georges deu um socco na escrivaninha, de repente.

— Prompto! Prompto! Nada a fazer-se com uma tal teimozia! Mas si te declaro que eu te amo, que só amo a ti!

— Si tu me amasses, não ficarias furioso, quando te accuso de trahição!

— Fico furioso porque não tenho nada a verberar-me...

— Sinão meu martyrio!

Elle respondeu, fulminante, batendo no peito:

— Sinão meu martyrio, a mim, a mim! Por ter casado com uma mulher cujo ciume cego e feroz me traz num supplicio a todo instante! Estou farto! A vida não é mais supportavel, sabes?

— E' isso! Procuras o divorcio!

— Não! Procuro a liberdade! A paz, ah! meu Deus! A paz!

— Não quero outra coisa! exclama ella. Mas jamais a terei comtigo, nesta vida!

Então, Georges exclamou, no auge da exaltação:

— Pois bem! Então procuremos a paz na outra! Matemo-nos!

Ella olhou-o, cheia de ardente desespero e respondeu:

— Sim, matemo-nos!

Com um gesto louco, elle abriu uma das gavetas da escrivaninha, tomou um revolver e apontou-o para ella:

— Anda, atira! fez a mulher, erecta deante delle.

Elle abaixou a arma e vociferou, empurrando-a para a porta:

— Não! Vae-te! Vae-te! Mas eu, eu sei o que me resta a fazer!

— Eu tambem! exclamou ella, emquanto elle se jogava para o quarto vizinho e fechava, sobre si, a porta á chave.

Uma vez só, elle deu um longo, profundo suspiro, onde lhe parecia ter passado um appello do além... Sentou-se á escrivaninha, com o *browning* na mão, com o dedo no gatilho... Tudo quanto havia dito a Fanny era verdadeiro...

Tratar assim um homem apaixonado, sincero, innocente!... A innocencia proval-a-ia com a morte!... Mas si esta ciumenta inveterada se matasse antes de ter a prova? Sentiu-se subitamente estremecer: *si ella já se houvesse morto!* Elle, com o revolver teria um suicidio ruidoso...

Mas ella... Ella não possuia arma de fogo... Em compensação, tinha um punhalzinho, tão afiado, que cortava um baralho de cartas!... Fanny morta!... Por amôr!... Numa subita transformação, elle correu, levado pelo medo, á porta, que abriu. E viu Fanny ainda viva, sentada deante duma mesa, onde, na bainha, dormia o punhal... Teve, de repente, a absoluta certeza de que ella esperava o tiro para traspaçar o seio... Ella levantou os olhos para elle — e a situação desses dois voluntarios da morte que se tornavam a juntar-se em plena vida podia dar lugar, a uma vigorosa gargalhada.

Mas os romanticos de hoje sem chegar ao fim do fatal designio, pretendiam, no emtanto, conservar o beneficio de suas attitudes dramaticas.

Elles se olharam com uma especie de grave estupor, como si cada um sahisse naquelle momento do tumulo... Depois, num silencio pesado, Georges pronunciou com nobreza:

— De outra vez toma cuidado!... Não me acharias mais!...

Fanny respondeu, ao mesmo tempo magestosa e cabisbaixa:

— Eu tambem, de outra vez!... Querido, são quasi 8 horas e nós temos de jantar com os Dartoy...

— Diabo! disse elle, sempre muito digno. Temos o tempo justo de nos vestir...

PASSATEMPO

ELEGANTE, cheio de desembaraço em que ressaltava a convicção de ser em todos os sentidos seductor, M. Remy Vadette entrou no salão onde se realizava um chá-bridge e veiu saudar a dona da casa, Mme. de Houx, volumosa pessôa, cuja velhice affavel já não se notava.

Ella estendeu-lhe a mão, cordealmente:

— Como chegou tarde, meu amigo! Todas as mesas estão já tomadas!

— Oh, não importa, madame! Venho para vêl-a.

— Sempre amavel, mesmo com uma velha como eu... Ah! si eu o houvesse conhecido quando tinha trinta annos, estou certa de que me haveria apaixonado pelo senhor.

Ella riu e elle tambem. Todas as homenagens prestadas ás suas qualidades de seducção eram-lhe agradaveis.

— Quem é a linda mulher loira que conversa na galeria com o velho patife presidente Tissot? perguntou elle.

— E' Georgette Liéry. Conheço-a desde a infancia. E' viuva e pouco mundana. Tem duas encantadoras filhinhas de cinco e sete annos, ás quaes se dedica muito. Por causa d'essas creanças, nunca quiz casar-se novamente...

— Foi muito solicitada?

— Sim... Será que o senhor quer engajar-se na fileira?

Rémy Vadette teve um gesto de horror.

— Eu casar-me?!...

— O senhor prefere fazer os Lovellace, nos salões... Aposto como quer que eu lhe apresente a Georgette Liéry. Com muito prazer, mas previno-lhe que, si quer lhe fazer a côrte, é em vão.

"Savoir..." pensou Vadette.

— Vamos, venha, continuava mme. Houx; isso a arrancará das garras do presidente Tissot.

Mme. des Houx conduziu Rémy Vadette para a galeria onde a encantadora Georgette Liéry aguentava a conversação duvidosa d'um velho gasto e prolixo. Apresentado, Rémy constatou que a mulher era, vista de perto, mais bonita ainda. Sentou-se perto d'ella, e como o velho, descontente de ser interrompido, se afastasse, elle disse á joven creatura:

— Uma mumia tagarella; é curioso, não é?

Ella quiz rir-se. Elle continuou:

— Não joga o bridge?

— Meu Deus, não!

— E' como eu... Prefiro trocar idéas com pessoas espirituaes...

— O senhor não sabe si eu serei espirituaes.

— Estou certo d'isso...

E para demonstrar quanto elle o era, empregou um certo numero de processos que elle tinha em reserva para casos semelhantes e que, pretendia elle, levavam n'uma graduação sabia da generalidade á intimidade, da indifferença á sympathia.

A joven ouvia, respondia, sem timidez nem desprazer, parecia.

Finalmente, levantou-se para partir.

— Não terei o prazer de tornal-a encontrar d'aqui ha pouco? perguntou Rémy, com voz habilmente commovente. Mme. des Houx disse-me que a senhora sahe pouco... Mas sentir-me-ei tão feliz...

— Oh! mas eu saio, disse Georgette Liéry. Como vê estou aqui.

— Então, talvez a encontre aqui na proxima quinta-feira... Mas d'aqui até lá... olhe, meu centro faz uma exposição... Si me permitte mandar-lhe um convite...

— Com muito agrado, disse ella, immediatamente.

Elle tomou nota do endereço, satisfeito, mas não surpreso. Tinha o habito de vencer. Venceria mais uma vez, não tinha duvida.

Pensava, no emtanto, que não devia espantar essa delicada mulher com insistencias tão rapidas. Tinha, aliás, um gôsto apurado pelos trabalhos de aproximação amorosa e excedia, estava certo, em conduzir bem uma côrte, a principio discreta, mais terna, depois mais intensa. Elle reviu Georgette na exposição do centro e ella acceitou tomar chá com elle. Elle a reviu na quinta-feira seguinte em casa de mme. Houx e ambos, isolados na galeria, conversavam livremente emquanto os outros convivas jogavam o bridge. Depois, quando elle lhe pediu para revêl-a á tarde varias vezes por semana, ella disse sim, sem muito se fazer rogada, e, em breve, quasi todo dia elle se encontrava em casa d'ella, ás vezes para leval-a a uma *matinée* de theatro, ás

De Frederic Boutet

vezes ao *vernissage*, o mais frequentemente em auto, a uma hospedaria de arrabalde, onde tomavam chá.

Georgette mostrava-se encantadora. Era alegre, de humor igual, de espirito espontaneo e pessoal. Remy Vadette passava com ella horas deliciosas e elle achava que essa mulher era uma das mais attrahentes que havia conhecido. A côrte que lhe fazia depois de discreta, tornava-se agora repassada de ternura. Georgette parecia não se aperceber d'isso; conservava-se serena e parecia não comprehender.

"Não nos precipitemos, dizia comsigo Remy Vadette. Ella será minha, nenhuma duvida ha n'esse sentido. Ella ama-me ou, pelo menos, está prestes a amar-me. Não estraguemos a scena, espantando-a. Ella merece bem que tomemos todas as cautelas para leval-a a entregar-se, por si msema, á força do seu amor. De resto, essa espéra é encantadora..."

Algumas semanas passaram-se ainda e a espéra tornou-se menos maravilhosa para Remy Vadette. Longe de Georgette, elle só pensava n'ella. Era sem prazer algum que elle encontrava, á noite, amiguinhas de virtude facil, que, até alli, enfeitaram as horas em que seu coração estava desoccupado.

Seu coração já não estava vazio. Georgette habitava-o, e elle acreditava comprehender certas provas que a joven desejava, agora que elle se mostrava assiduo. Decidiu falar no dia seguinte. Elle o fez no auto que os conduzia d'uma hospedaria de Versailles, onde haviam jantado.

— Minha amiga, disse elle, gravemente, minha carissima amiga, muito amada, tenho alguma coisa a dizer-lhe...

Ella teve um pequeno movimento.

— Não o diga, interrompeu ella. Sou eu que tenho algo a dizer-lhe...

"Ella vae dizer-me que me ama" pensou elle; e perguntou:

— Que é então, muito cara amiga?

— Pois bem! Eis... De hoje em deante, não poderei mais continuar a vêl-o.

Elle suspirou.

— Por que?

— Porque não serei mais livre...

— Como mais livre? Por que? Por causa de suas filhas?...

— Não, não é por causa d'ellas. Eu lhes consagrei mais ou menos toda a minha vida. Por causa d'ellas, recusei casar-me... Mas... não é por causa d'ellas que não sou mais livre para continuar a vêl-o... Não me peça explicações...

— Eu as quero! Exijo-as! Tenho o direito...

— Que direito? Que lhe prometti? Que me pediu o senhor? Ir encontral-o frequentemente á tarde. Fil-o porque isso lhe dava prazer e não me desagradava... Mas... Mas agora, sem motivo, a senhora pretende fugir-me... Não consentirei. Amo-a...

— Não, O senhor disse comsigo: "Eis uma mulherzinha que me diverte... Vou seduzil-a... Durará o tempo que durar... Quando estiver farto, vou-me embora..." E então o senhor quiz consagrar-me as suas tardes, reservando suas noites para as relações faceis Não negue; sei-o bem... Então, que quer?, eu estava desoccupada, quiz divertir-me tambem um pouco... O senhor é um homem de sórte; divertia-me saber que me fazia a côrte. Achava-o agradavel, sympathico, como camarada... Acceitei-o para distrahir-me na minha solidão... Isso só é lisonjeiro para o senhor... O senhor fez-me companhia, e eu ao senhor... Estamos quites... Quer saber tudo? Pois bem! Pertenço ás minhas filhas, mas tenho tambem o direito de viver um pouco, para mim... E tenho um amante a quem amo... Elle está viajando ha dois mezes e depois de sua partida eu me aborreci tanto á tarde, á horas em que o via...

— Então a senhora me tomou como brinquedo, como polichinello, como...?

— Digamos... como passatempo. O que pensava que eu seria para o senhor... Digo-lhe que estando quites... Tenho, talvez, uma pequena vantagem... Isso compensa... Vamos, serria... á dama. Eis-nos em Paris. Até á vista, e sem rancôr...

Para que o *chauffeur* parasse, ella bateu no vidro e desceu, ligeiramente...

SOLANGE (?) — Aqui está uma carta que nos vem fazer revelações estupendas. E sabem o que é? Uma senhora, que se diz "velha Solange", diz que a mulher é isto e aquillo e o homem é aquillo outro. Não é maravilhoso?

Mas a delicia está é no texto da missiva. Por Deus! Não percamos della nem a procedencia. Vem do Porto da Madama e, sem duvida, é de uma "madame"...

"Porto da Madama, 18-7-1932. Meu Deus, Yves, como o senhor é injusto ao julgar as mulheres.

Foi esta a impressão que tive ao ler "Saibam todos" do Fon Fon de 2 de Julho.

Acha então o amigo, que por ser o amor uma verdade (lá no seu modo de pensar) não encontrará abrigo na futil alma feminina?

Pobre e calumniada mulher, de quem não se julga capaz de dar guarida aos sentimentos nobres, elevados!

O sexo fragil é, entretanto, menos doidivana do que pensam os senhores sizudos e rabujentos homens.

A mulher não é a criatura mais "amarga que a morte", como dizia o impertinente Salomão.

Não somos todas bonecas perfidas e desprovidas de bom senso, como ao senhor apraz pensar.

Não teve o Yves mãe, mãe terna e devotada? nenhuma irmãzinha carinhosa?

Acredita Yves, de tudo ha do bom e do mal.

A perfidia, a hypocrisia, a dissimulação, não são caracteristicos exclusivos da mulher.

Os homens possuem tambem estas *virtudes* em alto grão.

Termino pedindo desculpas pela maçada que a leitura desta carta certamente lhe trará.

Queira receber os mais sinceros votos de felicidade. Da velha, — *Solange*."

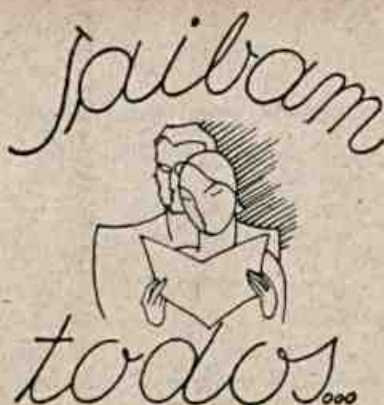
Que maravilha! Pois não é que v. ex., D. Solange, sabe coisas verdadeiramente espantosas?

Só faltou dizer que a mulher é um anjo e o homem é o diabo — embora filho desse anjo de saias...

NELSON MAC CORD (Capital) — Meu caro escriptor. Acho que o sr. deve continuar a escrever. Fará como naquelle jogo do "chicote queimado", que faz a delicia da nossa infancia.

Hoje manda uma fantasia, e eu respondo de cá: "Está frio". Depois, virá um soneto de pé que-

brado — e eu gritarei: "Ainda está frio". Mais tarde o sr. mandará um conto. E' passavel? Eu o animarei: "Está esquentando..."

* * *

Os verdadeiros amantes quanto mais longe estão, um do outro, mais perto se sentem.

* * *

A saudade é o divino balsamo que fica de uma epoca feliz que passou.

* * *

A saudade é a ultima lembrança de um ardente amôr.

* * *

Mais forte do que o Odio só existe uma cousa o Amôr.

TAÇA VAZIA

Aquella taça fragil de crystal
Que teus labios tocaram no outro dia,
Faz-me lembrar o amor sentimental,
Este affectuoso amor que me judia.

Eu tenho della, agora, inveja tal,
Que já ciumes me causa e me arrepia—
—Essa taça feliz, taça fatal
Que o alcool a transmittir nos inebria...

Guardo-a com avareza, mas sereno;
Pois nella tu bebeste o teu licor
E eu nella beberei o meu veneno...

Não me importa saber qual a bebida,
Bebeste a te esquecer o nosso Amor—
—Eu beberei matando a minha Vida!...

HENRIQUE ORCIUOLI

E assim até chegar a fogueira, a brazeiro. Entendeu?

Por agora, o sr. me remette uns pensamentos que já foram pensados milhões e milhões de vezes.

Leiamol-os:

PENSAMENTOS

O amôr é a penna de ouro que serve para escrever o destino da especie humana.

* * *

O casamento é a união de dois corpos que se desejam. O amôr é a união de duas almas que se querem.

* * *

Um amôr correspondido é a maior das venturas. Não correspondido, a maior das infelicidades.

* * *

Amôr! Ciume! Odio! Tres sentimentos que residem no mesmo lar: O coração.

* * *

Presentindo que serás infeliz num amôr, desfaça-o em principio antes que elle te tome o coração completamente.

Sabe o que lhe posso affirmar hoje? — Está gelado! Quer dizer,

o sr. "está gelado" porque está num polo... se a boa literatura, no outro. E como não ignora, emquanto nço chegar ao Equador... ha de ser gelo e neve. Gelo e neve que afogarão um mau poeta... na "cesta"...

UM POETA — Esta secção é uma pagina de blagues e irreverencias. Não comporta, por isso, noticias tristes, e muito menos necrologios.

Hoje, porém, quero abrir uma excepção para noticiar o fallecimento de um poeta que foi consulente de "Saibam todos" e collaborador do *Fon-Fon*, onde conquistou innumeros admiradores pelo seu talento moço e possante.

A noticia que é transcripta do jornal A *Sapucaia* de 17 do corrente, que se publica no Estado do Rio, é a seguinte:

JOSE' VENTURA MARTINS

(Mattos ALE'M)

"Mãos piedosas de alguem que foi, para Mattos Além, enfermeira espontanea e dedicada; que foi, para o exilado de Paty do Alféres, o consolo das suas horas de amargura, traçou-nos ha dias, em singelo cartão, a ingrata noticia: — "Participo-lhe que o seu amigo Martins falleceu no dia 7 deste mez, ás 5,40 da manhã e foi sepultado ás 4 e meia da tarde".

Não era possivel duvidar... E que tristeza immensa nos invadiu, de chôfre, ao considerarmos a desdita enorme de Mattos Além, cujo fio da vida, já tão tenso de alguns annos para cá, não mais resistiu, partindo-se para sempre.

Poeta e prosador de escol, com uma cultura aprimoradissima, José Ventura Martins — Mattos Além — deixa as mais formosas e delicadas paginas, em literatura e poesia, umas ineditas, outras esparsas pelos jornaes e pelas melhores revistas brasileiras.

Este semanario mesmo, para o qual elle foi um verdadeiro e dedicado amigo, guarda, ufano, em suas modestas columnas, muitas das encantadoras producções do festejado escriptor.

A ambição maior e mais do que justa de Mattos Além era editar o seu livro de poemas que organizára com verdadeiro amôr, intitulado "Minha Seára" e, depois dessa gloriosa estréa, outros e outros que a sua penna fecunda haveria de produzir.

Nem o "Minha Seára", porém, já perfeitamente concatenado e prefaciado por Murillo de Araujo, conseguiu o querido exilado de Paty dar á publicidade, embora o tentasse, por todos os meios."

•

ARLET (Minas) — Olá, caro poeta! O sr. tambem descobriu a polvora? Veio um pouco tarde; em todo caso, poderia ter descoberto a quadratura do circulo, o que seria mais interessante ou a arte de ser bom escriptor. Mas, o sr. ficou mesmo na polvora.

Isto é, descobriu esta coisa estupenda:

"Como leitor de "Fon-Fon", tive o prazer de notar as suas criticas que muito me fizeram crer em sua capacidade no conhecimento das "letras", e tambem muito apreciei a sua franqueza nas respostas aos seus consulentes."

Em homenagem á sua descoberta, vae aqui esta salva de 21 tiros:

— Bum, bum, bum, bum... O resto o sr. dará com a propria bocca.

Emquanto o sr. dará esses tiros de polvora secca, eu vou lendo aqui o seu trabalho accaciano, que começa com estes logares communs:

"As rajadas vermelhas que brotavam do azul do céu, annunciavam que a sombra da noite estava proxima a vir velar o somno das cidades, dos montes e dos mares.

O sol desapparecera sonolento e cançado do labor do dia... Fôra deitar-se para refazer as forças perdidas, e nutril-as, para o labor quotidiano, que não demorava muito, pois já a terra reclamava sua presença para fecundal-a, illuminar as trevas e poetisar o mundo."

Desta vez, o sr. não terá salva de 21 tiros... Terá uns assobios...

Serve?

•

MARILIA (Rio Grande do Sul) — O ultimo livro de Benilo Neves, o conhecido e brilhante escriptor brasileiro, intitula-se "Pampas e Cochilhas" e acaba de ser editado pela Livraria do Globo, de Porto Alegre. Custa 5$000. A meu vêr, é um dos trabalhos mais interessantes destes ultimos tempos, sobre impressões de viagem.

Yves

SEJAM FEITAS AS TUAS VONTADES

Ando falando só por essas ruas,
tirando conclusões. Verdade seja
que assim me vejo ha muito tempo, esteja
ou não maluco são vontades tuas.

Não passam dias sem que alguem me veja
barbado, triste, as mãos sozinhas, núas,
sem um livro pra ler, sem uma ou duas
revistas piegas da poesia andeja...

Não posso mais. Endoideci na certa.
Nem um jornal, de que me não separo
levo no bolso. A rua está deserta...

Si este teu corpo, illuminado ao centro,
Passa, cheiroso, em seu vestido claro
a carne em flôr desabrochando dentro...

ESDRAS FARIAS

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2 - 4136
FON - FON — 30 - 7 - 932

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

O GRANDE RODOLFO TEÓFILO

Gustavo Barroso pronunciou em sessão da Academia Brasileira o seguinte discurso sobre a personalidade do grande romancista cearense Rodolfo Teófilo, recentemente falecido:

Sr. Presidente. — Reservou-me o destino, como o único academico cearense que frequenta esta casa, a triste tarefa de pronunciar palavras de despedida ás grandes figuras literárias de minha terra natal que partem para a eterna viagem. Hontem, dizia aqui sentido adeus ao glorioso Juvenal Galeno, cantôr do cajueiro e da jangada, aêdo augusto do meu Ceará. Hoje, é a outro ancião coberto de gloria que venho me referir, a Rodolfo Teófilo, romancista, folclorista, cronista, historiador e filántropo. Ambos conheci de perto na meninice, e de perto e de longe acompanhei pela vida, admirando-os com respeito na adolescencia e estimando-os com efusão de alma na maturidade.

Rodolfo Teófilo era uma figura de exceção. Infelizmente, a modéstia em que se enclausurava e o meio em que vivia não permitiram que tivesse o relêvo merecido. Faleceu octogenario ha uma semana. Tive esta noticia de fonte particular, porque a imprensa, embebida nas reportagens sensacionais da politica e dos movimentos subversivos, dominada por um imediatismo que é filho da ignorancia e da ausencia de vinculos nacionais fortes no espirito das gentes do vasto todo brasileiro, a tal não se referiu. Pedindo á Academia que registre seu pesar pela triste ocurrencia, cumpro o dever de traçar o perfil do grande morto com o orgulho de filho da mesma terra e o carinho de seu amigo pessoal desde a mais tenra infancia.

Houve tempo em que a figura de Rodolfo Teófilo teve grande projeção literária. Quando a famosa Padaria Espiritual, fundada no Ceará na primeira década da primeira Republica, distribuia o pão do espirito aos amantes das bôas letras, brilhou como uma de suas figuras principais. Pioneiro do regionalismo, suas obras espalharam pelo Brasil inteiro o perfume selvático dos sertões nordestinos. Bateu a estrada que outros deveriam percorrer e foi um dos primeiros a fixar os tipos principais das duas epopéas do sertão: a que se processa pelas catingas e carrascais em fóra com o heroismo escandaloso dos cangaceiros, e a que se desenrola longe do meio nativo, no desbravamento das selvas amazonicas, com o silencioso heroismo dos seringueiros. Assim a obra do escriptor se estende entre os dois pólos dos *Brilhantes* e do *Paroára*.

Rodolfo Teófilo amava o Ceará profundamente nas minúcias do linguajar, de seus hábitos, de seus fenómenos naturais e sociais, amava-o e conhecia-o como ninguem. Sobre êsse conhecimento, sua imaginação verdadeiramente notavel, bordava o entrecho das novelas, em que o naturalismo regional dava as mãos a um realismo á Zola, muito crú por vezes, empolgante, no entanto, em algumas páginas. Dêsse feitio é paradigma *A Fome*. Todavia, em outras obras como *Maria Rita*, por exemplo, certa delicadeza de traços trái vivamente a grandeza emocional de seus sentimentos.

Constantemente, foi acusado, de uma feita mesmo com aspereza, de escrever mal e de não ter estilo. Na verdade, nas primeiras obras, a frase é mal polida e os erros graúdos de linguagem enxameiam. Mas, num escritor da natureza de Rodolfo Teófilo, erra quem queira achar um artista trabalhando periodos e cinzelando capitulos. O que êle é e deve ser é o fixador das figuras e dos cenarios. E, quando Oliveira Lima a seu respeito escreveu uma bela página, não se deteve na consideração mesquinha de catar essa vermina, tão do agrado dos criticos que se julgam pescadores de pérolas e não passam de méros abridores de ôstras para cozinha de frege-mósca...

Em uma crônica que escrevi na edição vespertina do *Jornal do Comercio* sobre as Memórias dum Engrossador, a 24 de junho de 1912, quando êle as publicou, disse entre outras cousas o seguinte: "Rodolfo Teófilo é, apesar do seu descaso pela gramatica e de seu mal cuidado estilo, um dos nossos nomes literarios mais conhecidos dentro ou fóra do Brasil e mais sobejamente citados". Em carta que me escreveu pouco tempo depois, revidava ao pequenino reparo, lembrava os que, desde sua estréa, lhe haviam feito a mesma acusação, mostrava que se corri-

(Continúa na pag. seguinte)

O GRANDE RODOLFO TEÓFILO (continuação)

gira tanto quanto possivel dessa falha e que não havia mais razão para que se continuasse a repetir isso. Com certo desalento, conclúa: "Quando uma opinião dessas toma fóros de cidade, é quasi impossivel dar com éla em terra. Escreva eu hoje como o Padre Manuel Bernardes e éla continuará de pé!"

Em verdade, corrigira-se de muitos erros e mesmo pretendia revêr, nêsse sentido, as suas obras. Chegou a fazê-lo quanto a *Maria Rita*, que me mostrou em 1929, de vestido novo, como me disse com um largo sorriso de homem leal e puro.

Com ou sem defeitos, num país sem romancistas, foi um grande romancista, estudando e fixando antes de outros, para quem a critica tem sido mais amavel, usos e costumes das populações sertanejas. Seus livros são verdadeiros repositorios dos pormenores da vida nordestina e nêles vibra a alma rude do povo daquela pobre e desolada região. Não só se projetaram sua imaginação e sua análise no presente do sertão, porém se prolongaram ao passado e no *Maria Rita* se acompanha o criador de gado ao tempo do dominio português.

E' sempre interessante um escritor quando muda de genero. Sente-se gôso em segui-lo, apreciando as maneiras novas como vence as dificuldades e salta os obs aculos que não costumava ou não esperava encontrar. Ás vezes, até parece um camponês atirado de repente, sózinho, ás ruas movimentadas duma capital. Nessa conjuntura, é que o escritor mostra se tem ou não talento. Se tem mesmo, é agradavel acompanhá-lo, observando as traças postas em prática para galgar os óbices imprevistos e não deixar transparecer que mal seguro vai no caminho desconhecido.

Rodolfo Teófilo mudou algumas vezes de gênero e manda a verdade confessar que, embora a natural preferencia seja pelo pintor do homem e da paisagem sertanejos, não demonstrou inferioridade nos outros têmas que foi levado pelos pendores do espirito

(Continúa na pag. seguinte)

Seara alheia

O Sport supremo

Não sabemos jogar; não sabemos divertir-nos, não sabemos jogar a vida. Nossa civilização é terrivelmente séria e trasncendental. Levamos no nosso sangue e no nosso cerebro o amargo descontentamento das raças inquietas e preoccupadas que só sabiam divisar o lado tragico e sombrio das coisas.

Houve um só momento bello na humanidade em que um nucleo de homens sãos e felizes crearam um povo ideal, que cultivou divinamente a arte, a sciencia, a religião e a politica, realizando assim, por puro sport, os principios de toda vida superior. Desde então, nunca mais voltámos os homens a ser creanças. E só de seculo em seculo algum espirito amavel grita: "Viva a brincadeira, a alegria!" e isso mesmo para enganar-se a si proprio, porque, do fundo de sua alma, olhava com olhos assombrados a bocca escancarada do mysterio.

O sport, o jogo, para que sejam verdadeiramente ethicos e estheticos devem ser populares, nacionaes ou universaes e não patrimonio de ricos e ociosos.

O theatro na Grecia era uma instituição nacional, um sentimento popular, com raizes nas origens da raça. Os sports, as danças, os jogos eram tambem instituições nacionaes como o theatro. E tão intensas eram então as idéas de vida e de prazer, de arte, de jogo e movimento, que a existencia de um cidadão de Athenas era um modelo de acção esthetica porque sua vida era um nobre sport.—Ricardo Leon.

Inverno

O céo tem uma cor de cinza-aço. Nuvens densas passam velozmente, arrastadas pelo vento que geme e sibila entre as altas arvores do parque.

Nas largas alamedas solitarias formam-se remoinhos de folhas seccas que, ao se arrastarem pela areia, dão a impressão de um fru-fru feminino de sedas.

O frio afugentou os concorrentes habituaes do parque. Calou-se o chilreio alegre dos passaros e sequer não se ouve o piplo dos ninhos.

A luz que desce do céo cinzento, como se fora coada através de um crystal esmeraldino, parece luz de crepusculo, cobarde resplendor de ocaso.

De repente, o vento, mais forte, faz galopar pelo firmamento um batalhão de nuvens cor de chumbo. E, por detraz dellas, o céo parece rasgar-se, abrir-se em uma grande extensão de azul.... Um raio de sol, fulgurante como uma lança de oiro, projecta-se sobre um recanto do parque.

Esplendido regalo, na crúa manhã de inverno, este raio de sol!...

Todo o parque parece engalanar-se e rejuvenescer de repente. A areia humida parece polvilhada de oiro. Resuscita com novo brilho a esmeralda da floresta e até nos troncos nús dos rosaes as primeiras folhas parecem tocadas de carinho. — Juan Ferragut.

---

ou pela força das circunstancias a abordar. E é bem interessante tanto o naturalista da *Mucuna* como o moralista do *Reino de Kiato*, tanto o historiador da *A Sedição do Joaseiro* e das *Sêcas* como o cronista da *Coberta de Tacos*, tanto o contista do *O Cunduru* como o satírico das *Memórias dum Engrossador*.

No panorama de sua obra, dois aspétos mais nitidamente se marcam: — No primeiro, a floresta húmida, com suas flores e cipoais, cheia de abundancia, e a planicie do sertão combusto apontoado de catingas mirradas pela estiagem atroz, com os gados a cair de inanição e o homem na sua luta terrivel contra a inclemencia do meio, emigrando por fim cheio de dôr e de saudade. No segundo, o filósofo que sonda a vida interior, mergulha no pessimismo adensado pelo tempo e pela experiencia dos homens, tirando dêsse pôço profundo suas doutrinas morais e sociais. E o amante da natureza bárbara, o sensual autor de algumas paginas fortes dos amores do sertão, o homem que se adivinhava extasiado perante a catinga em festa, dourada de sol ou sombreada pelas nuvens de pombas avoantes, escreve periodos desta ordem: "A civilização não des-

O Grande Rodolfo Teófilo

(Continuação)

trói no homem a inclinação para o mal, pelo contrário as necessidades déla estimulam-n'a... O que o homem faz hoje é matar com mais arte, roubar com mais astucia e corromper com mais elegancia." O pensamento que bateu asas na ensolada terra cearense encontra-se com o de Arinellini, a quem o Tempo, mostrou, numa poesia famosa, as ruinas da civilização ensanguentadas e enlameadas. Com

efeito, se fizermos uma estatistica comparativa dos crimes de Chicago, Nova-York, Londres e Paris com os do sertão veremos a espantosa diferença para mais nos das primeiras. O cangaceiro, de qualquer ponto de vista, é superior moralmente ao *gangster* e ao *apache*.

Da última vez que estive no Ceará, encontrei mergulhados em plena velhice o seu grande poeta e o seu grande romancista, meus amigos. Juvenal Galeno imobilizara-se numa rêde na sua residencia da rua General Sampaio, que é, sob a égide de sua filha, como que um templo das letras cearenses. Rodolfo Teófilo, carpindo a saudade de sua dôce companheira que partira em primeiro lugar, já não saía mais de sua hospitaleira mansão do Bemfica, sempre estirado na rêde tradicional ou numa espreguiçadeira. Fui lá muitas vezes conversar com êle e de todas me comovia a olhá-lo.

Nêle contemplava uma longa existencia de honradez, abnegação e coragem cívica. Carater impoluto, franqueza rude, independencia mental e moral, eram os seus caraterísticos. Temperamento combativo, não só jogueteava com a pena nos prélios da política, como manejava outro intrumento, com

O SIGNAL

De Jean Rameau

(Das Memorias intimas de M. Alcide Briard, membro do Instituto).

SEMPRE fui feio e nunca o ignorei. Isso valeu-me desgraças innumeras, mas tambem uma rara superioridade. Nunca indaguei, saboreando minhas conquistas femininas: "Será mesmo por mim?" Não, nunca fui amado por mim mesmo e me felicito d'isso, pois que meu merito é maior.

Mas si meu physico não inspirou nenhuma paixão, eu experimentei algumas e das mais violentas pelo physico dos outros... E quero narrar, a proposito d'isso, uma aventura louca que me foi recordada, hontem, em casa da minha velha amiga, a condessa de P... aventura de que fui o heroe ou ao menos o jocrisse, ha uns quarenta annos.

Eu estava um pouco tonto, certa noite de março de 1892 ou 1893 — não me lembro muito bem. Havia jantado copiosamente com camaradas aquecidos pelo vinho capitoso, e estava disposto a tomar, por admiraveis deusas, as mais banaes creaturas do boulevard. Assim, quando cheguei a certa anti-camera da rua Marbeuf, pelas onze horas, e colloquei meu sobretudo antes de penetrar nos salões para onde havia sido convidado, senti, ao longo das vertebras, o classico *coup de foudre*. Uma mulher chegava, ao mesmo tempo que eu. E que mulher!... Ella tirou o casaco e eu vi-lhe os hombros. Teria eu visto outros antes d'aquelles? Não, de certo. Não havia semelhantes no mundo. Uma linha, um modelo, um galbo... Senti picadinhas electricas nas pontas dos meus dedos.

"Preciso tocál-os!", disse eu, commigo, maravilhado.

Pareceu-me ver o homem do vestiario roçar-lhe os hombros, disfarçadamente, com o pretexto de tirar-lhe o manto, e tive ciumes. A mulher estava muito decotada. Quando lhe apresentaram o pequeno talão numerado, ella disse: "Onde vou metter isso? (não havia nenhum projecto de bolso sobre ella...) E' o 59?!"

Ella parou deante d'um espelho para vêr si todos os seus encantos estavam em ordem de batalha, e notei, perto da axilla direita, um provocante signal que me enlouqueceu.

— Certamente, é preciso que eu toque nesse signalsinho tentador! pensei decidido. E' alli, evidentemente, o centro do mundo.

A dama entrou no primeiro salão: segui-a. Entrou no segundo: segui-a da mesma maneira. Não via senão ella. A dama apertou varias mãos e destribuiu sorrisos. Conhecia muita gente e eu queria estrangular aquella gente. Ninguem, no emtanto, faltava com o respeito áquelles hombros, beijava piedosamente aquelle signal milagroso. A religião vae-se... Eu, cada vez mais enthusiasmado, dizia commigo, sempre: "Como conseguir? Não posso, como um atrevido, cahir-lhe em cima e afundar minhas phalanges n'aquellas axillas para onde o signal fascinador me attrae."

Fui ao *buffet* e bebi cinco ou seis taças de champagne para inspirar-me. Inspirei-me, emfim.

— Com os diabos! disse eu. E' muito simples. Como não pensei antes n'isso?

Dirigi-me á anti-camera, abordei o creado de ser-

(*Conclue na pag. seguinte*)

---

o qual foi tão grande como com o primeiro: a lanceta de vacinador. Rodolfo Teófilo filántropo valeu por uma instituição que os poderes públicos dotassem de todos os recursos para o combate á variola. Sem receber um vintém do erário, colhia e preparava o material de sua humanitaria campanha. Ao alvorecer do dia, já andava a cavalo pelos arrabaldes pobres de Fortaleza a vacinar toda a gente. Sem fortuna, vivendo de parcos rendimentos e duma pequena industria, gastava grande parte do que era seu nêsse apostolado ciêntifico contra um virus terrível. Como era oposicionista, o governo creava-lhe tropeços de toda a espécie. Sofria campanhas de ridículo e de calunia pela imprensa. Escreviam-se panfletos e livrecos contra êle. Muitos médicos o combatiam. E o proprio povo o recebia com desconfiança, quando o não repelia.

— Entretanto, continuava impávido, sozinho, desajudado de tudo e de todos, a sua obra benemérita até conseguir a extincção do flagelo no seu querido Ceará. E era de ver a solicitude, o afã, a dedicação daquele vacinador ambulante, pelos areais semeados de casebres do Croatá, do Jacarécanga, da Praia do Peixe, do Outeiro, da Aldeiota, e do Pajeú, alto esquelético, acurvado, com uma longa barba de eremita açoitada do vento.

Arrostava tudo pelo amor daquela terra e daquela gente, nem sempre digna de louvor pelo seu respeito, pela sua estima ou pela sua gratidão aos valores que produz e aos beneficios que recebe. E, na surdina, um murmurio maldizente assoalhava que êle não era cearense. Rodolfo Teófilo calou-se durante muito tempo e o seu silencio parecia dizer: lêde os meus livros, vêde a minha obra e dizei-me se alguem ha mais cearense do que eu? Um dia, porém, de público, explicou tudo. De estirpe cearense, nascêra na Baía por acaso, durante rápida estadia dos pais. Levado para o Ceará bem criança, dêle nunca mais se apartára e não conhecia outra patria.

Dorme em paz, bom e grande, Rodolfo Teófilo, na terra que honraste e serviste como ninguem! Dorme em paz, bom e grande Rodolfo Teófilo no seio quente do teu e do meu Ceará.

GUSTAVO BARROSO

O SIGNAL

(CONCLUSÃO)

vigo no vestiario — um *garçon* muito chic, em casaca como eu — e dirigi-lhe estas breves palavras:

— Meu amigo, queres ganhar cem francos em alguns minutos?

N'essa época se obtinha muita coisa por cem francos.

Desde então, o preço das consciencias augmentou muito.

Como esse *garçon* me ouvia com sympathia, dei-lhe todas as explicações desejaveis:

— Aqui está. Deixa-me tomar teu lugar, um momento, até que o numero 59 venha reclamar o manto. Lembras-te talvez que é encantadora. Estou apaixonado por ella e agradar-me-ia muito tocar-lhe uma ponta do hombro quando lhe puzesse o manto, como fizeste, si me não engano, quando o retiraste, ha pouco. E' tudo quanto ha de mais innocente, como vês. Nada a temer. E aqui tens antecipadamente teu bilhetinho, meu caro *garçon*. Vae fazer a côrte á creada!

Elle sorriu e cedeu-me de bom grado o lugar. Mas em vez de ir fazer a côrte á creada, sentou-se no banco da ante-camara para se certificar, sem duvida, si eu desempenhava bem o meu officio.

Cinco ou seis pessôas sahiram alternativamente e jogaram-me os seus numeros; servi-os com uma correção perfeita.

Finalmente, á meia-noite e um quarto, os bellos hombros julgaram conveniente retirar-se. Elles reappareceram com o signal fulgurante, e toda a anticamera se illuminou, ao menos para os meus olhos.

— Queira pedir para mim o numero 59, caro amigo, disse ella a um athleta rubicundo que a acompanhava.

E eis a catastrophe. Tendo chegado só, essa mulher, eu julguei — oh! imbecilidade! — que ella sahiria só.

— 59! um manto de senhora! exclamou o athleta, encarando-me com um ar fatuo.

Tinha-o nas mãos havia alguns minutos já, esse manto de velludo negro de gola de pelle e alli mergulhei meu rosto como n'um banho aromatico.

Adeantei-me, vibrante, para depôl-o nos bellos hombros quando o cavalheiro rubicundo mo retirou das mãos. Elle proprio queria fazêl-o.

— Oh senhor, deixe! disse-lhe. Não lhe compete.

— Mas sim, sim! E' meu dever.

E apoderou-se do manto.

Como eu resistisse, elle resmungou:

— Pois bem, não comprehendeu?

Tire as patas sujas!

— Patas sujas?

Avancei-lhe uma sobre o rosto.

Que escandalo!

Um lacaio que esbofeteava um conviva!...

Ajuntamento e soccos. Fóra de mim, apresentei meu cartão aquelle idiota: "Barão G. de Marconssy" — leu elle. E eu lhe gritei:

— Esperarei suas testemunhas, senhor. Viu meu endereço? 34, avenida d'Iéna.

O verdadeiro creado torcia-se na ante-camera. E dizia tudo, o indiscreto. Os bellos hombros mesmo ficaram sabendo que um de seus adoradores substituiu um creado para melhor se aproximar d'elles e fazer-lhes assim alguma confissão delicada... Fugi desorientado.

No dia seguinte, encontrei-me n'um jardim de bairro com meu adversario. Nunca havia pegado n'uma espada e era um esgrimista de primeira ordem. Assim quasi o matei. Meu jogo era tão incorreto."

* * *

HA quasi quarenta annos que esta aventura se deu. Tinha-a esquecido. Tantas outras me absorveram, depois d'isso...

Já não sou absolutamente conhecido pelo nome de Marconssy. Adoptei um pseudonymo para escrever meus romances, e mesmo na Academia, que me recebeu em 1919, me chamo agora Alcide Briard.

Embora tenha 65 annos, fico ainda commovido — e mais que antigamente talvez — com o espectaculo dos bellos hombros. E os signaes, quando bem collocados, não me deixam insensivel. Auxiliado pela minha pequena gloria de psychologo, tenho mais facilidade que antigamente para levar-lhe as minhas devoções.

Foi assim que, hontem á noite, em casa de mme. H..., eu descobri um sobre o hombro d'uma adolescente, perto da axilla direita tambem. Ao lado d'essa menina, estava a avó, forte matrona, que tinha o ar d'um mentão em ruinas pintado de esmalte. E essa respeitavel dama dignou-se a dizer-me:

— Eu sou uma de suas admiradoras, caro mestre. Como o senhor fala bem do amor! Não ha como o senhor...

Não ha como o senhor...

Deixei-a discorrer. O incenso é sempre agradavel, mesmo quando sahe d'uma crypta rouquenha. E eis que essa mulher, avida de confissões, como tantas outras velhas, me conta, a mim, o profissional das historias de amor, um dos seus romances de mocidade...

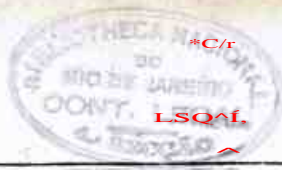
"... Imagine, mestre, que, certa noite, um homem elegante, pelo prazer de pôr nos meus hombros um manto, substituiu, n'um vestiario, a um creado. E que..."

Eu estremeci, eu olhei o decote da velha...

Que horror! Elle lá estava sobre o hombro enrugado, perto da axilla direita, o signal tragico. Era ella o meu numero 59! A deslumbrante, a fulgurante por quem eu me teria lançado ao fogo — ha quarenta annos.

Baixei os olhos pudicos, e tomei o braço da adolescente fresca.

Alguns minutos mais tarde, n'um canto de serre, tive occasião de tocal-o emfim, o signal — mas sobre o hombro da menina.

Devia ser o mesmo.

Aspasia tinha um tratamento de belleza proprio

Até Pericles e Socrates se deleitavam com a presença de Aspasia, a mais celebre de todas as cortezãs gregas. Além de possuir uma belleza que fascinava quem a visse, Aspasia era dotada de um espirito extraordinariamente agudo e subtil. Sabendo applicar com astucia o seu conhecimento de oleos e essencias, teve a seus pés grandes escriptores, philosophos e guerreiros

Hoje, o segredo da belleza da pelle é DAGELLE

Hoje em dia a Senhora não precisa penetrar mysterios para poder conhecer os segredos de belleza, pois estes lhe são descobertos pelos admiraveis preparados Dagelle. Use o insuperavel Creme Evanescente de Dagelle antes de applicar o pó de arroz e a maquillage, e a sua epiderme ficará protegida para o resto do dia. A' noite, applique bastante Creme Perfeito de Dagelle no rosto, collo e braços, para suavizar a textura da pelle e accentuar a frescura natural de sua cutis. Na manhã seguinte, complete este tratamento de belleza com uma applicação de Vivatone, o tonico revigorante. Sinta o viço de uma pelle joven com o suave matiz de uma rosa! Preparamos um Estojo Especial de Belleza que contem todos estes preparados de Dagelle. Não acha melhor enviar-nos o coupon hoje mesmo?

DAGELLE

Creme Evanescente ~ *Vivatone* ~ *Creme Perfeito*

DAGELLE, R. Theophilo Ottoni 44, Rio de Janeiro

Queiram enviar-me um Estojo Especial de Belleza, contendo os três admiraveis preparados de DAGELLE. Junto envio a quantia de 5$000 em *carta com valor declarado.*

Nome ....

Rua e No. ....

Cidade .... *Estado* .... P. P. 3.

AS DUAS AMIGAS...

— E' preciso que me apresentes tua mulher!

Essas palavras espantaram M. Frémeau. Elle não esperava absolutamente ouvil-as sahir da graciosa bôcca que as pronunciava: Melle. Laure Dufleu, que lhe concedia, quatro vezes por semana, duas horas de ternura, alliava ás outras qualidades — e não lhe faltavam, tendo um lindo corpo e espirito subtil — a de uma discreção nunca desmentida, ha um anno, desde quando durava a intimidade d'elles. Nunca havia pedido nem presentes de anniversario, que servem para mascarar a aspereza sob uma apparencia falsamente sentimental, nem d'essas sahidas em publico que denotam entre as "irregulares" um cuidado paradoxal e bem incommodo de regularidade... E eis que ella manifestava, subito, a intenção de se misturar á vida conjugal de M. Frémeau! Mas ella explicava:

— Não ha outra solução, Georget: a que eu te proponho ou nos separamos.

— Estás louca!

— Sou razoavel, ao contrario. E váes vêr que tenho razão. Uma ligação como a nossa só tem como desculpa a doçura de alguns momentos que passamos juntos. Ora, o amor gosta de expandir-se em plena liberdade de espirito. O nosso está arriscado a murchar!

M. Frémeau protestou novamente.

— Sim, sim! — proseguiu ella. — Ha muito que já me apercebi d'isso. Tu não experimentas, nos nossos encontros, em minha presença todo o prazer que tens o direito de esperar d'elles. Por muito tempo, perguntei o motivo. Fiz uma serie de supposições que não vale a pena expôr; sobretudo porque uma d'ellas não é nada lisonjeira para mim. Nenhuma resistiu á prova. Emfim, esses ultimos dias eu voltei á primeira que me acudiu ao espirito e na qual não me fixei, em duvida, porque ella era muito simples. Tens mêdo, Georget!

Novo protesto de M. Frémeau cuja violencia tocou o auge.

— Não te defendas. Isso me agrada. Prova-me que não és um *habitué* das aventuras e me faz acreditar quando me affirmas que sou a tua primeira infidelidade... Tremes, quando vens á minha casa, com a idéa talvez de que possas ser espiado por tua mulher, ou simplesmente descoberto por ella e seguido. Tremes, emquanto estás lá, com mêdo de seres surprehendido. Os toques da campainha fazem-te estremecer e os ruidos de porta te empallidecem... Não fiques assim vexado!... Sei que és o mais corajoso dos homens!... Mas eu sei tambem que, por motivos que não discuto, receias o escandalo, e confessa que querias bem saber, quando vens me vêr, a tua mulher fechada a chave ou occupada n'outra ponta da cidade... Só então tu aproveitarias as bôas horas que passamos juntos; abandonar-te-ias então sem reserva á nossa alegria, e eu não temeria que teu sentimento a meu respeito, estiolando-se pouco a pouco, acabasse por se tornar menos intenso que o teu medinho... enfeitado pela tua dignidade com o nome de remorso... Então, escolhe! Apresentas-me á tua mulher? Ou então...

— Alto lá, não é uma escolha que me propões, Laurette. E' um ultimatum que me impões...

O "chauffeur" que mudou de profissão, ou a força do habito...

De Claude Gevel

Conhecerás a digna, aborrecida e rabujenta mme. Frémeau si bem que eu não veja em que...

— Isso, Georget, é commigo!... E fica tranquillo. Si ha alguem que deve soffrer com essa combinação, sou eu e só eu...

O projecto de Laura foi facilmente realizado. Ella sempre soube salvar as apparencias, isto é, a reputação. Dava lições de canto, cujos lucros, em rigor, passavam por meio de subsistencia. Punha, de bom grado, a sua voz de soprano á disposição das organizadoras de concertos de caridade, o que lhe garantia, na sociedade, um lugar á parte, e não de lado. Dava, emfim, lições gratuitas á prefeitura de seu bairro, o que lhe permittia obter essas pequeninas consagrações officiaes que contrabalançam as maldosas intrigas; lugar de honra nas cerimonias municipaes, discreta fita violeta que, um dia, se tornará vermelha e menos discreta... N'uma festa de beneficio, M. Frémeau, adjunto do prefeito, apresentou á esposa Mlle. Laure Dufieu, "o professor e a cantora cujo devotamento á boa causa... etc...".

Foi então um brinquedo para a joven mulher a conquista da dama; ella conhecia-lhe as manias e os gostos. Offereceu-se para organizar um concerto em beneficio da obra dos "cães errantes" que ella presidia. Ella tinha tanta pena desses pobres vagabundos!... Mme. Frémeau e Mlle. Dufieu tornaram-se depressa inseparaveis. Mme. Frémeau não poupava elogios á nova amiga, e não perdia occasião de enaltecer seus meritos ao esposo, quese dava ares de indifferente:

— E' uma santa repetia mme. Frémeau; ella tem todas as qualidades, todas as virtudes... Até hoje só me entendi com um ser sobre a terra: ella!

M. Frémeau não se dava ao trabalho de protestar: sabia melhor que ninguem o genio máu, o espirito mesquinho e autoritario da esposa, cujas consequencias elle soffreu por muito tempo e de que se regosijava agora, desde que se haviam tornado a excusa de sua infidelidade saborosa...

Elle pensava com emoção na prova de amor que lhe dava Laure, acceitando uma intimidade á qual não estava affeita, nem pelo hábito, nem pelo cuidado de seu interesse, esses dois moveis eram os que M. Frémeau velava discretamente com o nome que se usa na vida conjugal, o sentimento de seu dever...

E elle se admirava de ter ella achado o meio simples de lhe dar um prazer completo, pondo-o tranquillo...

Porque Laure dava agora entrevista ao mesmo tempo, questão de meia hora antes, ao marido e á mulher e assim que chegava ao apartamento onde se encontrava com o amante, ella chamava ao telephone a esposa e dizia:

— Allo! minha querida! Desculpa-me... Estou ainda um pouco atrazada...

Ella dava, de suas demoras muitas vezes prolongadas, pretextos varios: uma repetição, uma lição...

— Pobre amiga! continuava Mme. Frémeau, penalizada; nem uma vez só, se esquece de me prevenir... Com todos os affazeres!

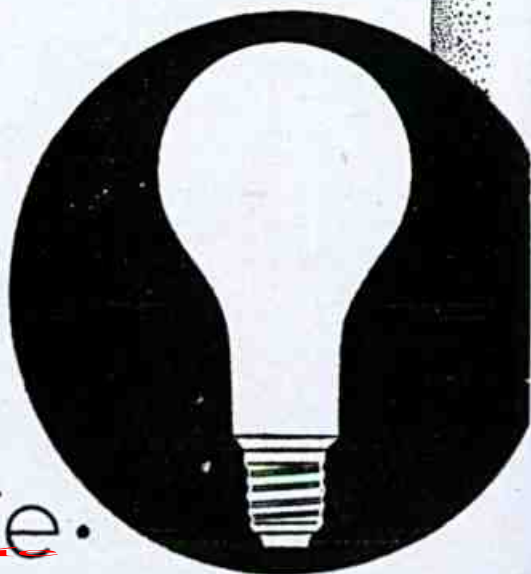
E M. Frémeau experimentava a alegria de ser incitado pela propria mme. Frémeau a pensar em tudo que Laure tinha a fazer, de facto...

O ladrão que tinha alma de pescador...

exija a lampada fosca internamente.
Seus olhos são só dois...
A luz artificial escassa ou má tem sido a causa de grande parte dos defeitos de visão, hoje tão communs. E os seus olhos bem merecem um melhor cuidado.
A lampada electrica internamente fosca, esconde o filamento em incandescencia que offusca a vista, permittindo-lhe encarar accidentalmente a lampada sem que os seus olhos soffram.
Além disso, o vidro fosco internamente deixa que a luz o atravesse sem nelle se reflectir, o que não acontece com as lampadas de vidro fosco pelo lado de fóra que desperdiçam assim grande parte da sua luz.
Exijam as lampadas foscas internamente para a preservação dos seus olhos e a economia da sua bolsa.
EDISON MAZDA
GENERAL ELECTRIC
Ligue para a Radio Sociedade Record (PRA-R) ou para a Philips do Brasil (PRA-X) terça-feira ás 21,30 horas para ouvir um programma de lundús, batuques, sambas, cateretês e maxixes com a historia de cada um delles na vida brasileira.
LUZ... MAIS LUZ... A MELHOR LUZ...

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 31

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 30 de Julho de 1932

Santos Dumont

NESTE momento de apprehensões e de tristezas que atravessa o Brasil, um luto maior pesa sobre todos os corações que pulsam dentro dos vastos limites da patria. E a morte de Santos Dumont faz com que, através de lamentaveis dissidios e lutas, todos os brasileiros se irmanem, curvados respeitosamente deante do féretro que baixa á sepultura.

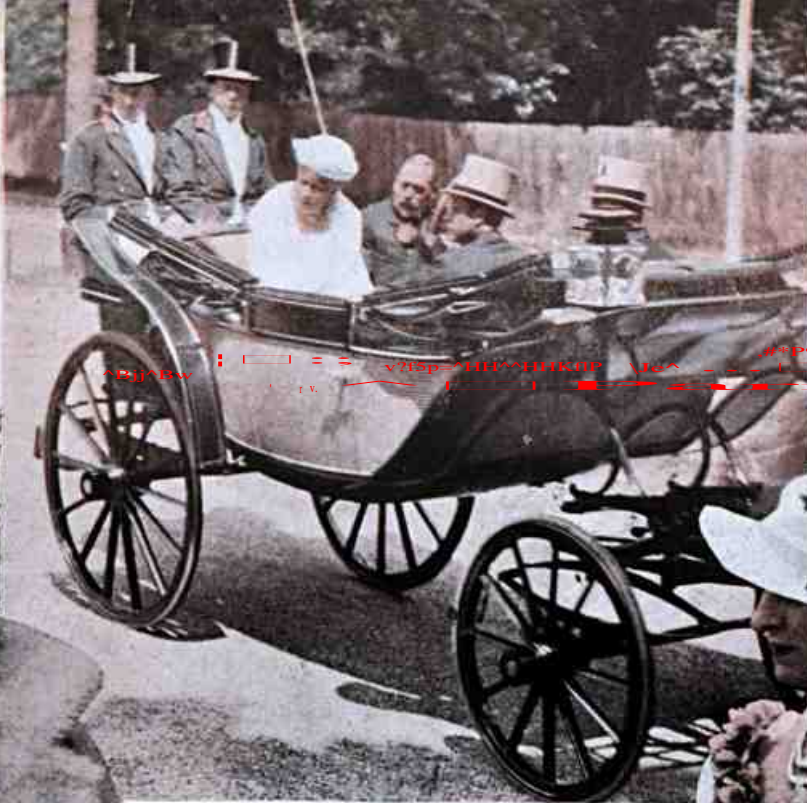
Nenhuma gloria mais pura fulgiu no nosso céu. O grande inventor, que carpia continuamente o emprego na guerra do apparelho que creára para a paz, o grande brasileiro a quem a França erigira em vida um monumento, nunca tivera ambições politicas nem desvarios de riqueza ou mando. Simples como um philosopho e modesto como um sábio, de todo afastado das competições terrenas, elevava seu espirito para o azul do céu, que contemplára mais perto do que os outros homens. E, emquanto uns disputavam a opulencia, outros o poder e ainda outros os triumphos mundanos, elle dava asas á humanidade.

Olhando os resultados do seu invento, contemplando o desenvolvimento da aviação nos ultimos tempos, vendo os mares vencidos e os continentes ligados pelo espaço, e o ar constituindo mais uma provincia do homem, que já domina terras e aguas, é que se póde sentir a grandeza do Brasileiro que acaba de morrer para viver na Immortalidade. Santos Dumont é como um marco milliario entre duas civilizações, a que somente se alastrava pela superficie do planeta, cortava ou mergulhava nos oceanos, e a que subiu aos ares e desdobrou as asas poderosas na amplidão dos céus.

Saudemos com o maior respeito e a maior veneração, os despojos mortaes do vulto mais notavel do seculo!

João do Norte

«FON-FON» NO ROYAL ASCOT, DE LONDRES

O dia mais elegante de Londres é o da abertura da temporada annual do Royal Ascot, o grande prado da capital britannica. E cáe em junho, quando se celebra uma festa mundana de alto requinte e de grande esplendor, onde brilha, por excellencia, a aristocracia ingleza. Este anno, como sempre, o Royal Ascot inaugurou a sua «station» com uma parada de elegancia, em que se destacaram as figuras femininas de mais renome em toda a Europa, as quaes exhibiram «toilettes» de alto preço e notáveis pela circumstancia de assignalarem a volta da moda que fez a delicia das nossas avós. Deante dos reis e dos principes da Inglaterra, desfilaram todas as grandes casas da Grã-Bretanha, o que constituiu, como acima dissemos, uma nota de indizivel encanto e de deslumbramento social. O Serviço Especial de FON-FON em Paris enviou-nos, desse acontecimento chic, a interessante reportagem photographica que hoje offerecemos aos nossos leitores.

O rei e a rainha da Inglaterra, o principe de Galles e o principe George no prado Royal Ascot, onde assistiram ao desfile elegante do grande dia aristocratico de Londres.

(Photographias do Serviço Especial de PON-PON, em Paris).

Silhuetas da alta aristocracia ingleza exhibindo a sua elegancia na «pelouse» do grande hippodromo londrino. Destacam-se no «clichê» desta pagina duas representantes da nobreza da India com suas luxuosas «toilettes» á moda daquelle paiz.

(Photographias do Serviço Especial de FON-FON em Paris).

Quinta-feira penultima, realizou-se, no palacio Itamaraty, a assignatura do accôrdo commercial entre os governos da India e do Brasil, representados no acto, respectivamente, pelo dr. Afranio de Mello Franco, ministro das Relações Exteriores, e pelo sr. Edward Allis Keeling, encarregado de negocios da Inglaterra, que ahi apparecem, num aspecto da solennidade.

Ainda no palacio Itamaraty, foi assignado, na ultima semana, o tratado de extradição entre o Brasil e a Suissa, funccionando no acto, por parte do nosso paiz, o ministro Afranio de Mello Franco, e, representando a Confederação Helvética, o ministro desse paiz junto ao nosso governo, sr. Albert Gertsch.

On revient toujours...

— Então? Como vae?

Foi com essa frieza que Mauro Lys cumprimentou Alda Flora, em um encontro de omnibus, depois de cinco annos de separação.

Alda Flora, que sempre fôra uma creatura trepidante, já não trazia um "jazz-band" dentro da alma: trazia um orgão cheio de *De Profundis* e de *Aves Marias* de Gounod.

Ella sorriu decepcionada comsigo mesma, ao ver que elle reparara na grossa e fulgida alliança, que lhe punha um aro de ouro claro no anullar da mão esquerda.

— Casada? — fez o espanto do moço escriptor erguendo os olhos para ella. Alda baixou o olhar.

— E o peor é que sou infeliz — gemeu ella.

Mauro Lys teve um tremor que o forçou a mordicar os labios masculos.

Ella tomou-lhe a mão, num gesto que lhe era tão habitual, quando amante do rapaz. E propoz:

— Abafo, asphyxio-me. Quero fazer-te uma confidencia. Desces commigo, Mauro?

— Oh! Com muito prazer...

Mas, o escriptor, ao annuir, o fizera sem enthusiasmo visivel.

Alda perdera aquella graça garôta e aquella elegancia de linhas que faziam della uma boneca de Domergue, bôa para amar e para exhibir á cobiça sensual dos outros homens. Dos homens que não tinham mulher...

Esbatida, as ancas angulosas, o olhar fôsco, os seios murchos, sob a desgraciosidade do costume-sport, Alda Flora era apenas a sombra da bonita mulher que elle amára. Desceram do vehiculo. E caminharam, lentamente, por uma alameda longa e cheia de ramos bracejantes.

— Sabes, Mauro? — disse ella, depois desse embaraçante silencio commum nesses momentos imprevistos — casei-me por interesse e fui infeliz. Casei-me por capricho... Somente para te demonstrar que não morreria por ti. Mas, foi um erro.

Mauro seguia ao lado della, a bater com a bengala de junco na calçada. Não tinha palavras, nem gestos que trahissem a sua grande emoção. Calado, elle dizia tudo.

Alda proseguiu:

— E' muito bom ter e satisfazer a um capricho. Principalmente quando se é mulher e esse capricho visa esmagar a vaidade de um homem.

Mauro continuava sem falar. Não arriscou mesmo uma insinuação. Deixou que aquella alma soffredora e vencida se penitenciasse com o remorso dos seus erros passados.

E Alda, já num soluço:

— Um capricho! Casar com A. sem amor, para provar que passaria sem o affecto de B. E depois...

Mauro Lys fitou-a commovido:

— E depois? Vamos!... Não fique nas reticencias. Uma reticencia, num momento de dor, é uma profanação: pode esconder um sentimento mesquinho e traiçoeiro...

Alda Flora completou o pensamento:

— E depois, é tudo ainda mais triste porque não reconquista mais o affecto perdido.

— Por que?

— Ora, porque! Por que já não somos os mesmos.

E noutro tom:

— Veja. Mudei tanto. Tu, — ah! como estás differente!

Chegavam a uma sombra muito espessa. Ahi o céo parecia mais baixo. Baixava-se para que elles se sentissem perto dos anjos, das nuvens e das estrellas.

Ella calou-se. Lagrimas nos olhos que o fitavam. E uma dor, uma angustia, a flamma de um desejo nos olhos delle.

Mauro tomou-a nos braços. E sussurrou, esmagando-lhe a bocca com um beijo grosso e flammante:

— O amor é um processo de experimentação permanente. Pode-se amar, numa só mulher, muitas outras. Amei em ti a que me traiu com um casamento banal. Para depois ser simplesmente infeliz. Eras uma mulher. Amarei agora uma outra: a que traiu esse compromisso para buscar a felicidade que desprezou por um capricho vulgar.

Alda Flora estava desmaiada nos braços fortes do amante.

Yves

UMA PIANISTA

Todas as manifestações artisticas têm na mulher brasileira uma cultora enthusiasta. A arte pianistica, entretanto, parece que reúne maior numero de adeptas, e, não raro, assistimos ao desabrochar de verdadeiras revelações. Está nesse caso a senhorita Nelida de Mello Cavalcanti, que, depois de um brilhante curso sob a direcção do professor Custodio de Góes, conquistou, este anno, a Medalha de Ouro do Instituto Nacional de Musica. Nella já se festeja, pois, uma esperança radiosa da arte de Guiomar Novaes.

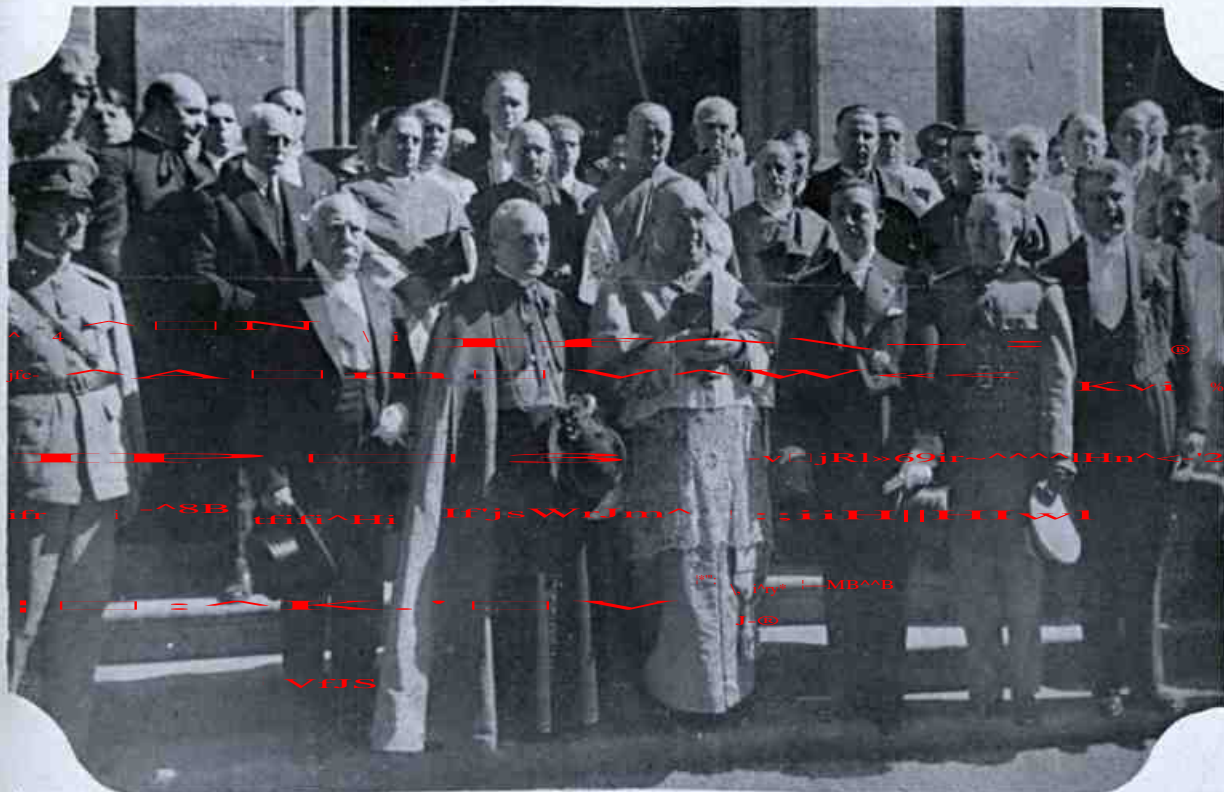
O ANNIVERSARIO DO "O GLOBO"

Completou, hontem, mais um anno na sua brilhante existencia o querido vespertino *O Globo*, fundado por esse espirito dynamico que foi Irineu Marinho, e alentado pelo talento admiravel desse outro grande jornalista que se chamou Euryeles de Mattos. Dos seus dois primeiros e maiores animadores, se sente a influencia clara no feitio moderno e vivo que distingue *O Globo*, hoje superiormente orientado pela intelligencia de Roberto Marinho, seu actual director-redactor-chefe, que continúa, naquella tribuna de liberdade e civismo, a obra iniciada por seu illustre pae — Irineu Marinho, gloria legitima da imprensa brasileira.

O Globo, cuja popularidade é notoria, conta, ainda, com os esforços e o valor profissional de um grupo de jornalistas scintillantes, que augmentam ainda mais o prestigio do grande vespertino carioca, a quem FON-FON apresenta, pelo seu anniversario, votos de prosperidade e de maiores felicidades.

•

Cláudio de Souza, que já publicou varias dezenas de livros, é, hoje, um dos romancistas brasileiros mais completos. Suas obras não vivem tão somente no estreito circulo das «élites» mentaes. Vivem nas bibliothecas das pessôas que amam as bôas emoções, por traz dos enredos dos livros, dos romances, das novellas, das paginas de ficção. Por que? E' que Claudio de Souza, com ser um «romancista academico», é, ao mesmo tempo, um escriptor que sabe ver a vida e contál-a com arte e encanto ás almas cheias de sonhos e ás almas soffredoras. Humanos, sinceros e simples, a par da elevação das suas theses, os seus romances agradam e forçam leitores de todas as camadas sociaes. Tem sido, até aqui, a regra geral, em relação ás suas obras. E ainda agora é o que se dá com «Três novelas», onde se enfeixam e desenrolam episodios que são, afinal, os dramas inevitáveis e verdadeiros do amôr e da vida. «Tres novelas» é um livro lindo e humano. Primeiro, pelo seu brilho; depois, pelo reflexo vivo das paixões, que nelle tumultúam.

•

No passado dia 21, no grandioso templo da Candelaria, realizaram-se, promovidas pelo sr. conselheiro Camello Lampreia, antigo ministro de Portugal no Brasil, solemnes exequias em suffragio da alma de d. Manuel II, officiando no acto sua eminencia o sr. cardeal d. Sebastião Leme. Assistiram á cerimonia religiosa os representantes do chefe do governo provisorio, do ministro das Relações Exteriores, do interventor do Districto Federal, membros do corpo diplomático, o embaixador de Portugal, e as figuras mais representativas da colonia portugueza do Rio de Janeiro. Fez o elogio do finado monarcha o rev. Rocha vigário da Penha. A gravura, que publicamos, apresenta um grupo á sahida do templo, vendo-se ahi o cardeal d. Leme, o sr. Camello Lampreia, o sr. conde Dias Garcia, o nuncio apostolico e o sr. dr. Martinho Nobre de Mello embaixador de Portugal junto ao governo brasileiro.

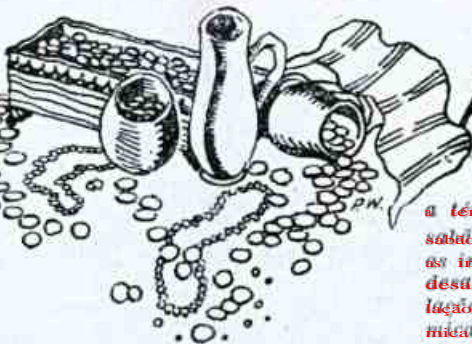
Caverna de Ali Babá

OS NOSSOS ESCRIPTORES

Heitor Moniz, nosso joven collega do «Correio da Manhã», a quem a litteratura nacional já deve alguns bellos livros de evocação historica, acaba de publicar um novo volume, destinado ao mesmo exito dos anteriores. Intitulou-o «Aspectos da historia brasileira» e nelle reuniu algumas de suas mais brilhantes chronicas sobre o nosso passado, versando themas coloniaes, dos dois reinados e do periodo republicano. Com seu estylo leve e elegante, Heitor Moniz prende o leitor e leva-o pelos campos de batalha, pelas cidades de antanho e pelas salas de governação ao convivio com as grandes figuras da nossa vida militar, social e politica, que com felicidade evoca no seu ambiente proprio. O recente volume desse interessante escriptor não póde deixar de fazer parte da estante dos que se preoccupam com a historia do Brasil e sua chronica pinturesca.

A MÃE DA CHIMICA

A origem da chimica é antiquissima. Os chineses conheceram e applicaram a polvora talvez antes da era christã. Trabalhavam os metaes. Produziam vidro e ceramica. Fabricavam tintas incomparaveis.

Os egypcios sabiam purificar o ouro e a prata. Praticavam a oxydação do ferro, do cobre, do chumbo, e a transformação dos oxydos em differentes combinações com o chloro, tudo ajudados do sal tirado do Alto Egypto. Conheciam tambem as artes do vidro, da pintura e da tinturaria. As côres applicadas nos seus monumentos duraram até nossos dias. Apesar de terem sido expostas durante muitos seculos a todas as intemperies, conservam-se admiravelmente. E, num de seus edificios, se lê esta inscripção em hieroglyphos: "A ornamentação colorida dos templos deve ser tão eterna quanto os deuses."

Além disso, applicavam o betume e outros ingredientes na mumificação dos cadaveres, os saes de cobre e de chumbo nos emplastros, pomadas e cataplasmas.

Os antigos phenicios eram habeis chimicos. Em Tyro, faziam um vidro mais puro do que o do Egypto. Tingiam de purpura, cujo segredo se perdeu. Dizem até que sabiam o meio de tornar o vidro malleavel.

Os gregos possuiam em chimica os mesmos conhecimentos dos egypcios e dos phenicios. Os romanos herdaram todos elles, melhoraram a tempera do aço e produziram o sabão. A decadencia do Imperio e as invasões dos barbaros influiram desastradamente sobre a annullação desses conhecimentos. A chimica refugiou-se em Byzancio, onde se fabricava o famoso fogo grego, de composição até hoje desconhecida, e em Alexandria, denominada a mãe da chimica.

Dali os arabes a tomaram e de Byzancio os sabios a trouxeram para a Europa occidental, onde durante longos seculos viveu confundida na sciencia hermetica ou alchimia.

LETRAS FEMININAS

Rachel Prado já é um dos raros nomes, na nossa intellectualidade feminina, que dispõem de uma situação privilegiada no apreço publico. Sua actividade mental tem sido sempre fecunda e proveitosa. Ainda agora, Rachel Prado vem de publicar, numa linda brochura, um trabalho destinado a grande exito e interesse, sob o titulo: «Lemuria e Atlantida». Trata-se de um estudo sobre os dois continentes que teriam desapparecido no vortice das convulsões marinhas e sobre os quaes existe uma copiosa literatura. Rachel Prado realizou uma obra detalhada e profunda, demonstrando os seus conhecimentos em torno do assumpto.

SAUDAÇÕES

Cada povo tem seu modo especial de saudar. Os occidentaes perguntam:

— Como vae?
— Como passa?

Ou então desejam:

— Bom dia.
— Bôa tarde.
— Bôa noite.

Os egypcios indagam:

— Tens gosado muito?

Os negros do Congo dão um sôpro no ouvido. Os lapões esfregam os narizes. E os chins batem o recorde do materialismo:

— Tens comido bem?

Sésamo

Nerval e Fernando Castro Barbosa, que são dois victoriosos interpretes das canções populares, organizam para breve uma grande festa de rythmos brasileiros, contando, para a mesma, com o patrocinio de figuras de destaque em nossa melhor sociedade. Os jovens artistas, tantas vezes já applaudidos em nossos salões, colherão, certamente, no seu proximo recital, novos triumphos para a sua brilhante carreira.

O VÔO DA GLORIA

O velario sombrio do luto descerrou-se sobre a patria brasileira, projectando-se, dolorosamente, por todo o mundo culto. Porque, com o fallecimento de Santos Dumont, verificado no ultimo sabbado, em São Paulo, perdeu a Civilização um dos maximos expoentes da sua cultura e um dos propulsores maximos do seu progresso.

O nome illustre do grande brasileiro foi uma expressão do seculo a que elle, realizando o anseio mythologico de Icaro, deu azas para a humanidade vencer e dominar o espaço infinito, alcandorando-se, verticiosamente, sob o impulso do rythmo trepidante das aeronaves.

Realizando esse anhelo, já consubstanciado no sonho de Bartholomeu de Gusmão — o Padre Voador — Santos Dumont realizava, tambem, uma das formidaveis conquistas da Civilização, que o Destino reservára ao Brasil.

Suas experiencias com os diversos apparelhos com que tentou resolver o problema "do mais leve" ao "mais pesado que o ar", coroaram-se de exito em 1901 — quando, na capital da França, elle contornou a Torre Eiffel e realizou: a, então, magnifica performance do trajecto Paris-Saint-Cloud, no celebre "Demoisselle".

Dahi para cá, o progresso da aviação não teve mais solução de continuidade. Foi intenso, formidavel. A sciencia e o arrojo humano dominaram a altura immensa e a immensa distancia, approximando, pelas estradas do céo, que são o dominio de Deus, da paz e da infinita harmonia, os homens e as patrias.

Mas, os homens, embora mais pertos de Deus, serviram-se tambem das suas azas como arma de destruição. E do alto do céo azul, azas distendidas como um symbolo de amôr e de paz, projectaram sobre a terra a morte, o luto, o desespero. O Pae da Aviação — coração formado para as grandes missões do Bem — soffreu, então, ao ver transformada em arma de guerra e de exterminio a obra que realizára para mais approximar e confraternizar os homens e as patrias.

Um dia, porém, a paz descerá definitivamente sobre o mundo e as azas dos aviões terão rythmos serenos de azas inoffensivas de passaros confortando com hymnos de amôr e de paz o inquieto coração da Humanidade.

Gloria a Alberto de Santos Dumont no seu sereno vôo para a Altura Infinita, para Deus!...

Creações Jean Patou

Chapeau de taupé noir et velours vert.

Faille noire. Fantaisie de plumes à pois rouge, noir et blanc.

Pour diner au restaurant. Feutre «mousseline» noir garni de poufs de crosses.

No alto: Chapeau d'organdi très fin. Garniture marine et blanc. Em baixo: Peau [illegible] marine.

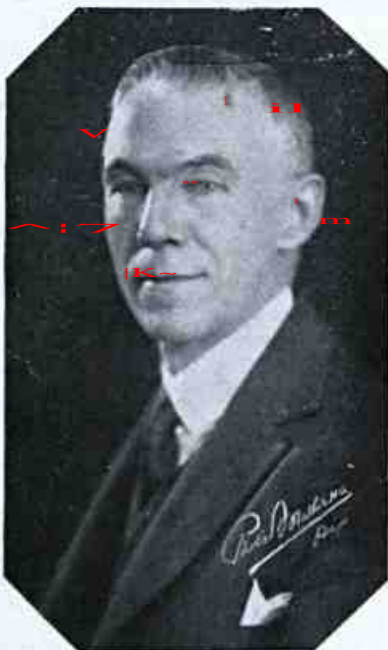
Velours vert foncé.

(Photos da Casa Jean Patou especiaes para FON - FON).

CRUZADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A Cruzada Nacional de Educação, fundada nesta capital, a 3 de fevereiro de 1932, tem como objectivo apagar uma nodoa que nos envergonha — o analphabetismo. Seu alvo inicial é abrir, em cada municipio do Brasil, uma escola onde os adultos e crianças possam aprender a lêr, escrever e contar, parallelamente com noções indispensaveis de educação moral e civica. Organizada para penetrar enormes camadas sociaes, possuirá, no plano nacional, uma directoria central, sob a presidencia de honra do titular da pasta da Educação. Della participam, como presidente, o dr. Gustavo Armbrust, e, como directores, d. Isabel Cunha, o almirante Américo Silvado, o dr. Teixeira Boavista e o dr. Francisco de Oliveira Passos.

Nos Estados, sob a "presidencia de honra dos interventores, localizar-se-ão as subdirectorias regionaes, seguindo-se-lhes, nos municipios, uma commissão municipal presidida pelo proprio prefeito. Para seu pratico funccionamento, far-se-á uma campanha nacional, destinada a mobilizar recursos para a execução do programma. Para isso, foi instituida a "Semana de Alphabetização", que se realizará de 7 a 14 de setembro.

Tendo a Cruzada como escopo crear uma escola em cada municipio, o cumprimento desse plano depende apenas do concurso inicial das prefeituras que, uma vez incorporadas á campanha, cederão uma dependencia de seus edificios municipaes, alli installando o material escolar indispensavel. A Cruzada se incumbirá do resto. Dará o professor. Na impossibilidade da escola poder funccionar no proprio edificio da Prefeitura, acceitar-se-á uma sala offerecida por

Dr. Gustavo Armbrust, presidente da Cruzada Nacional de Educação.

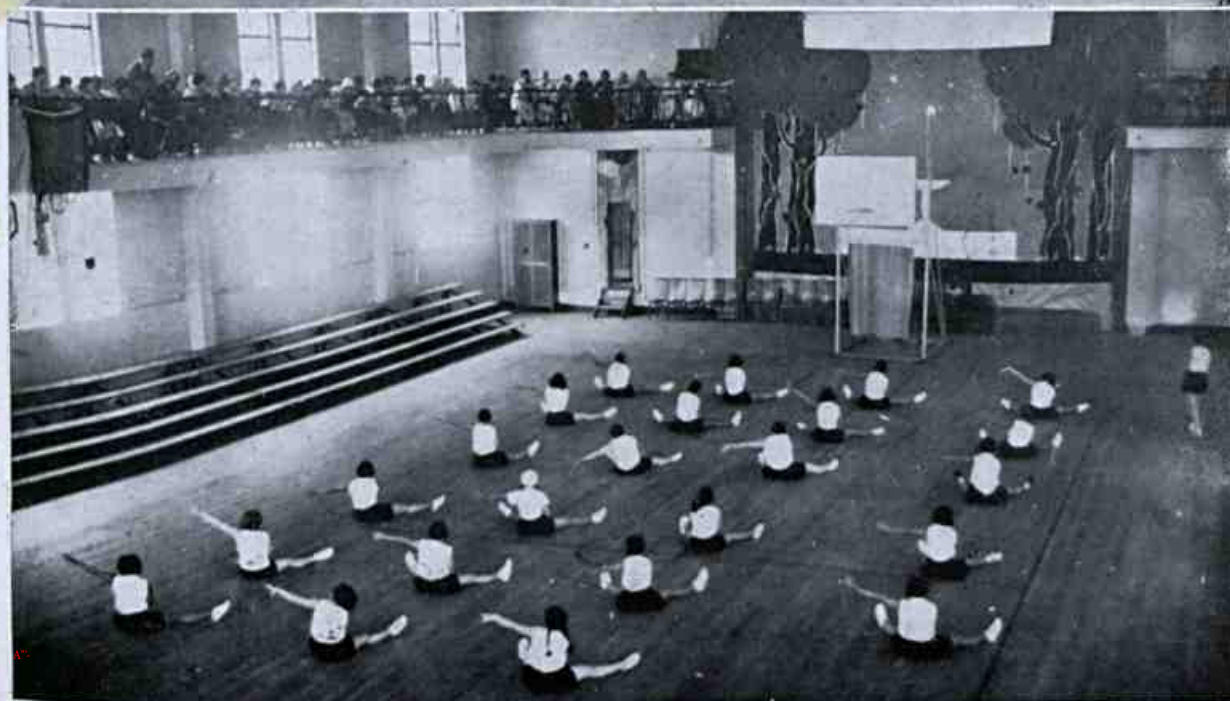
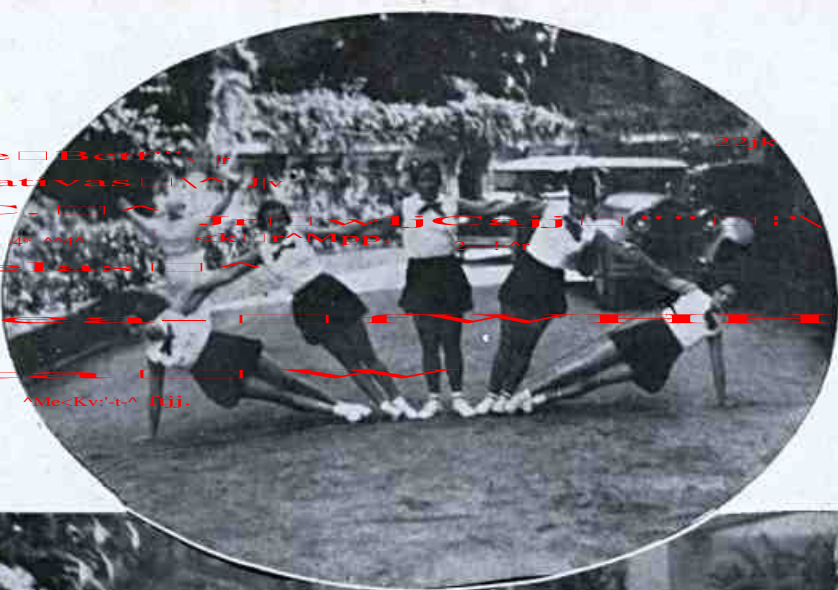
particulares, associação, fabrica, etc. Calculando-se em cem mil reis o ordenado mensal da professora, ou um conto e duzentos mil reis per anno, segue-se que, si em cada municipio, durante a "Semana de Alphabetização", for levantada essa importancia, estará ipso facto creada a escola. O plano educacional será simples, dada a propria natureza da campanha pró-alphabetização em massa. A instrucção constará, em summa, do seguinte: ensinar-se-á ao alumno a ler, escrever e contar, intercalando-se, é claro, esses rudimentos com noções indispensaveis de educação. O traço que distinguirá as escolas da Cruzada, será a democracia mais ampla entre seus alumnos.

Sabendo previamente que irá acudir a consideravel massa, em sua maioria pauperrima, a Cruzada acolherá seus alumnos como possam elles vir, calçados ou descalços, comtanto que acorram ao appello da alphabetização. A Cruzada não distinguirá tambem idades. Franqueará a matricula a creanças, jovens e adultos. A campanha financeira da "Semana de Alphabetização» será feita igualmente nas capitaes, porquanto está provado que ellas tambem necessitam de escolas, sendo insufficientes as que já existem. Grandes são as vantagens, mesmo de um ensino rudimentar. O individuo alphabetizado já tem uma certa noção de hygiene individual. Passa logo a verificar o seu papel na vida do paiz e póde ser eleitor. Tem mais capacidade para ganhar a vida. O seu trabalho é mais efficiente. Em summa, alphabetizar e educar é concorrer para a riqueza, o progresso e o engrandecimento da Patria.

A Cruzada conta já com o apoio moral de oito interventores federaes, com tres escolas frequentadas por cerca de 170 alumnos, que estão sendo alphabetizados gratuitamente, e a adhesão franca da Maçonaria, do Rotary, da Associação Commercial, da Associação dos Empregados no Commercio e da Confederação Brasileira de Desportes.

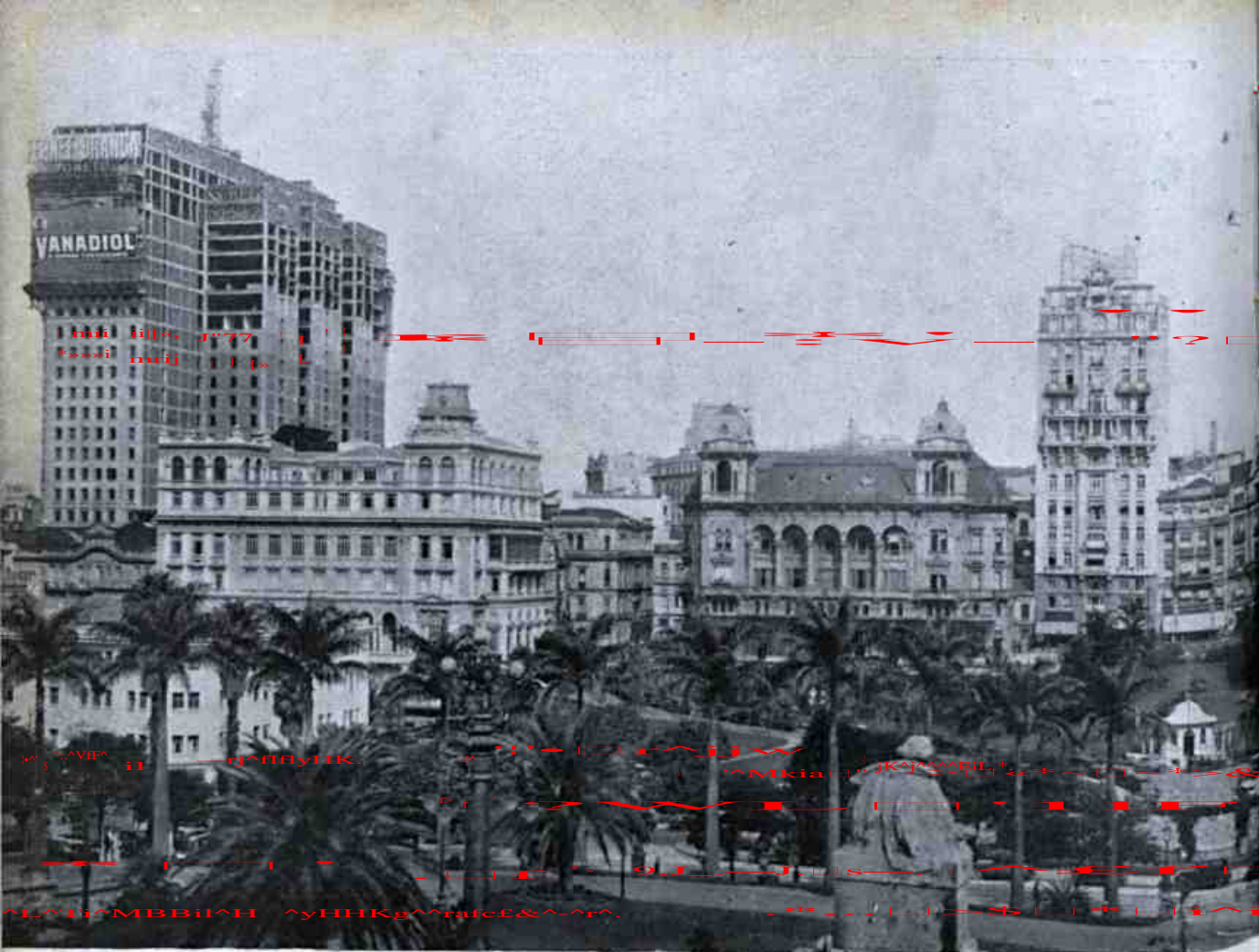
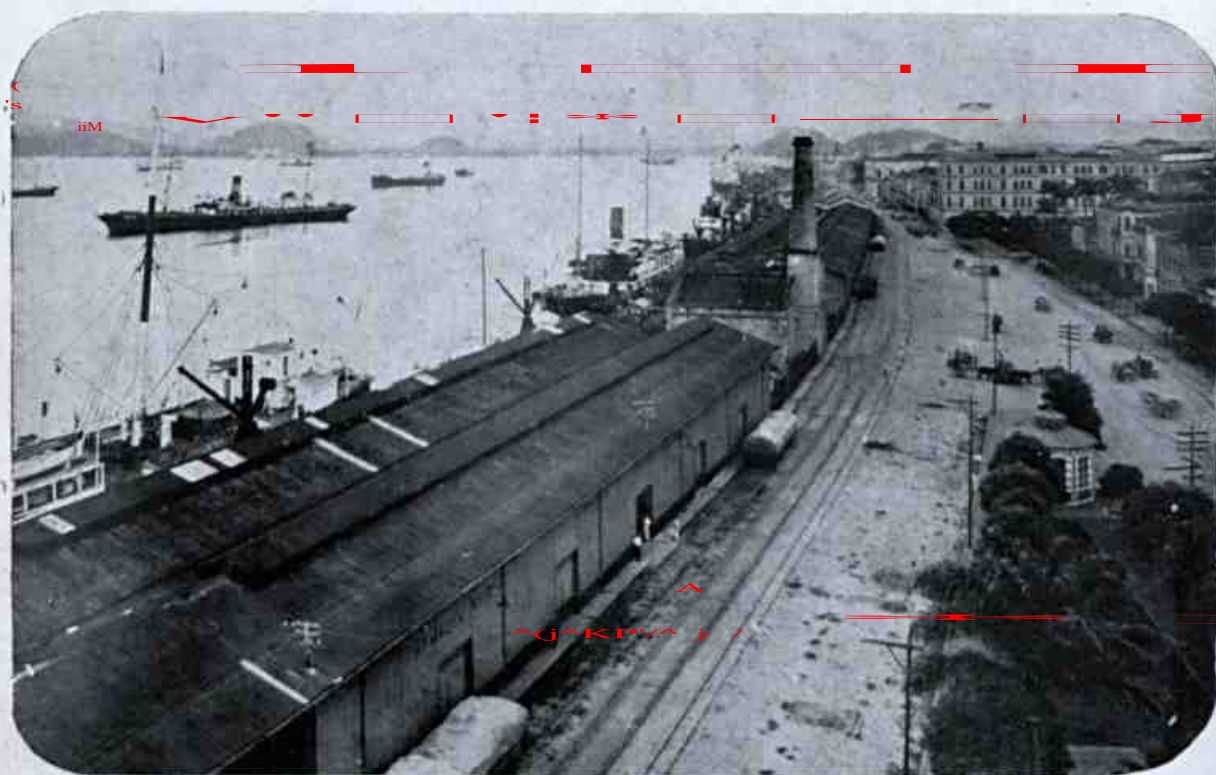
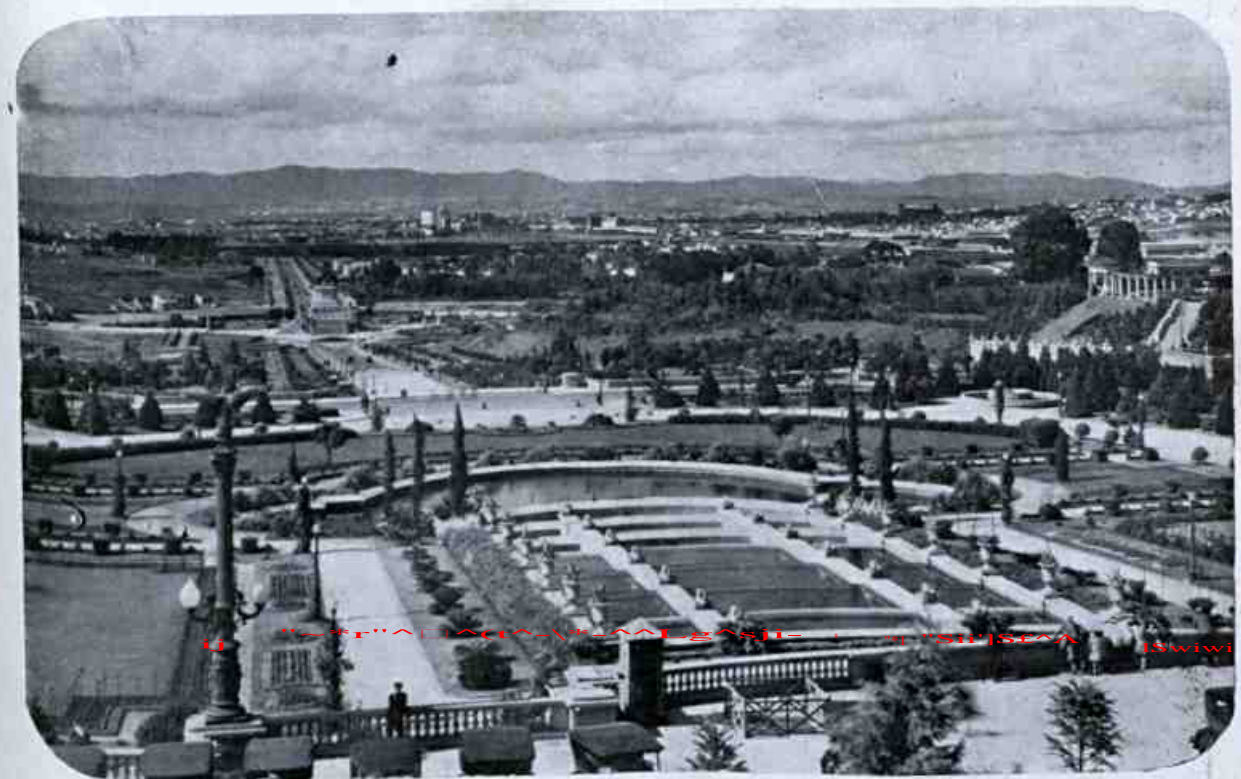
Aspecto colhido por occasião do acto inaugural da «Semana do Livro», levada a effeito na séde da Acção Universitaria Catholica, por um grupo de jovens intellectuaes do nosso meio.

O ANNIVERSARIO DO FLUMINENSE F. C.

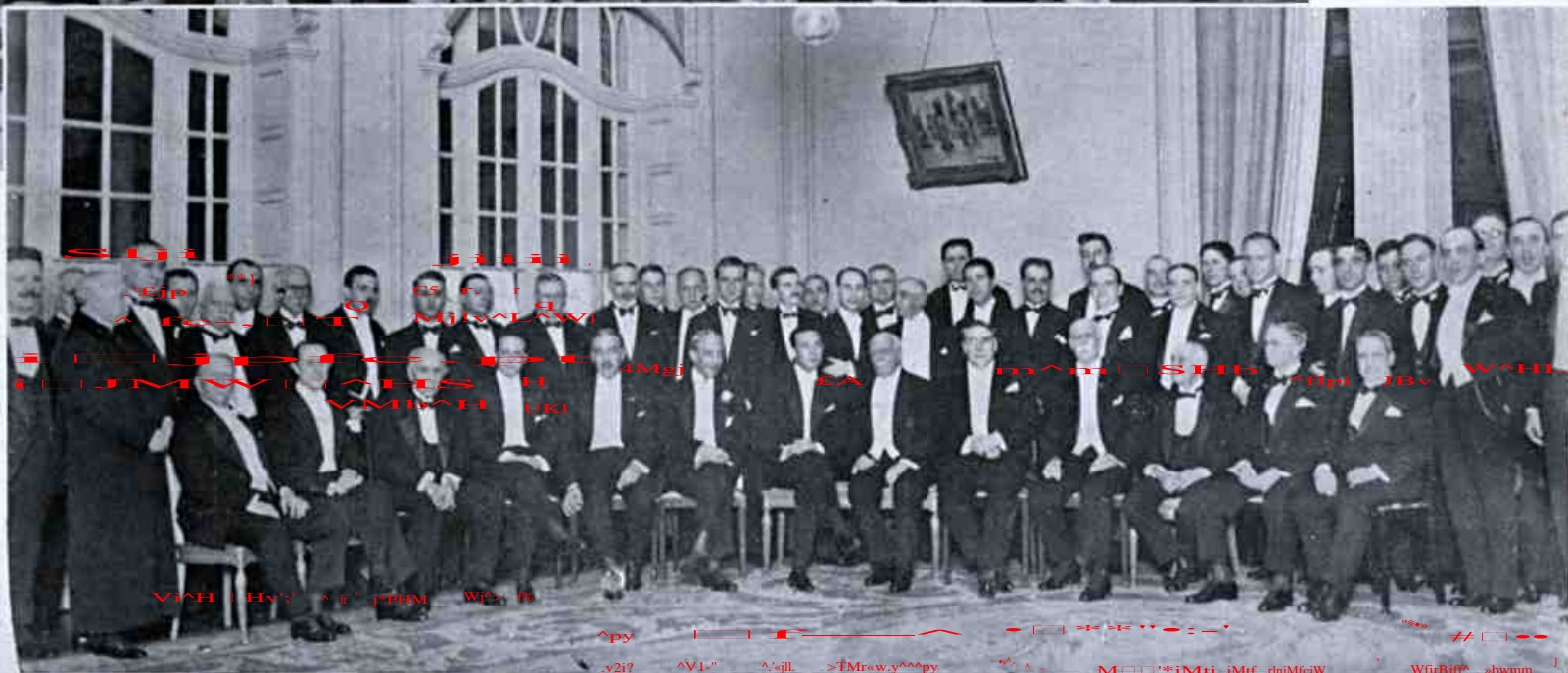
Fazia parte do programma de festas commemorativas do 30.º anniversario do Fluminense F. C. uma demonstração de gymnastica rythmica e danças classicas pelas alumnas do Departamento Feminino do glorioso tricolor, e que se realizou na ultima semana, constituindo uma nota sportiva original e cheia de attractivos. São flagrantes dessa demonstração que focaliza o nosso «clichê».

OS ACONTECIMENTOS DE S. PAULO

No alto: o general Mariante, commandante da primeira região militar, e outras patentes do Exercito aguardando, no cáes do porto, a chegada de tropas do Rio Grande do Sul, que aqui desembarcaram na ultima semana. No medalhão: o coronel João Alberto, chefe de policia do Districto Federal, na «gare» da estação Pedro II, antes de tomar o trem para o «front». Em baixo: ainda o general Mariante, agora a bordo de um dos vapores que conduziram os soldados vindos do Rio Grande do Sul.

Os acontecimentos de S. Paulo

Alguns flagrantes tomados no cáes do porto e a bordo, por occasião do desembarque de contingentes que vieram do norte, para combater ao lado do governo provisorio.

Vista panoramica da capital paulista, abrangendo a esplanada do Municipal e parte do viaducto do Chá. Destaca-se, á esquerda, o edificio Martinelli, ainda em construcção.

O porto de Santos, fechado por decreto do governo provisorio.

Os Jardins da Independencia, vendo-se o monumento do Ypiranga.

O illustre professor Marion, que é uma das summidades da sciencia franceza contemporanea, presentemente nesta capital, foi, sabbado ultimo, expressivamente homenageado pela classe medica brasileira, cujas figuras mais destacadas se reuniram no Jockey Club para offerecer um almoço áquelle eminente urologista francez.

Varias associações portuguezas desta capital promoveram, na noite de 22 do corrente, sexta-feira penultima, um grande banquete de despedida em homenagem ao conselheiro Camello Lampreia, membro illustre da colonia lusa do Rio de Janeiro, e que no dia seguinte embarcou para seu paiz.

FON-FON no cinema

JOGANDO A VIDA

Producção da RKO - PATHÉ

com *Bill Boyd*
James Gleason
Warner Oland
Dorothy Sebastian
e *Zasu Pitts*

FILHO de uma familia respeitavel, Alan Beckwith achára-se um dia orphão de pae e com uma bonita herança nas mãos. A sua propensão inveterada pelo jogo, porém, pouco tempo levou para dar cabo de todo o dinheiro. O joven, como todo jogador, jamais perdera a esperança de safar-se do grande desastre. Mas, ao contrario disso, ia-se cada vez mais afundando na perdição. Afim de levantar dinheiro para o jogo, dá em contrahir emprestimos a juros fabulosos, e tudo quanto obtem perde na mesa de pano verde.

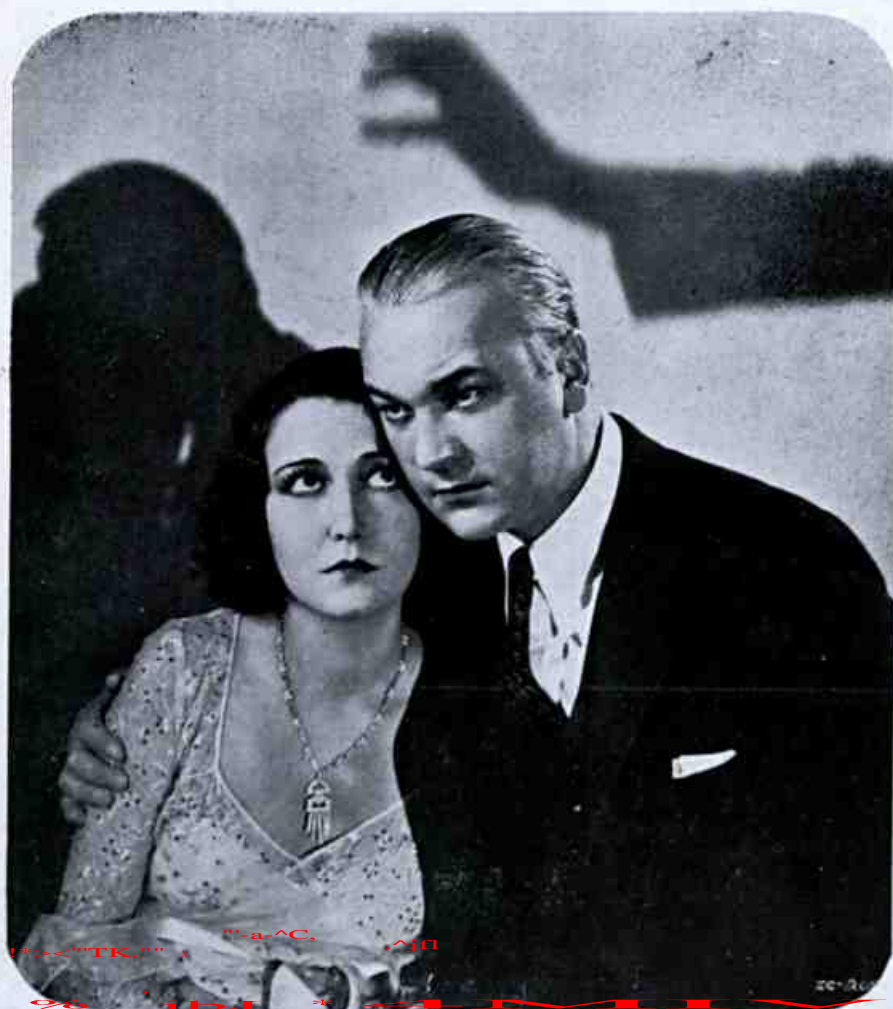
Alma perversa e venenosa.

Foi quando já nada lhe restava a fazer, para livrar-se de um desastre completo, que o joven Alan procurou o seu credor mais usurario, Peter Nenth para propôr-lhe um grande negocio.

— Venho tratar de um assumpto muito importante para nós ambos, North.

— Pois aqui estamos; póde falar, responde-lhe o usurario, contrabandis-

Uma creada... indiscreta.

Procurando animál-o.

Nó seu amor estava toda a sua força.

ta de bebidas alcoolicas, interessado no trafico de brancas, pois em tudo isto e em alguma coisa mais se immiscuia o perigoso North.

— Para ser-lhe franco, estou arruinado...

— E a letra de 5.000 dollares que me deve?

— E' sobre ella que lhe venho falar. Se você me emprestar mais 2.500, com que eu possa pagar o que devo cá fóra, no final das contas você será embolsado dos 7.500 dollares que lhe ficarei devendo...

— Mas que negocio é esse? Qual o seu plano?

— Um seguro de vida, responde Alan.

— Ah, já comprehendo... faz North com uma piscadela de olho. E' bom negocio e estou prompto a ajudal-o, mas com uma condição...

— Qual é? pergunta Alan, impaciente.

— Augmentarmos o valor do seguro para 100.000 dollares, em logar de 7.500 que deseja. Quanto ás prestações, eu me encarregarei dellas.

Feito o negocio, se assim se podia chamar essa macabra transacção que tinha por ob-

(Cont. na pag. seguinte)

Ninguém atinava com a verdade.

Eram Treze

Film da FOX

com

Raul Roulien
Anna Maria Custodio
Juan Torena e
Manuel Arbo

HUGH MORRIS DRAKE, um turista millionario, é assassinado durante uma das suas viagens ao redor do mundo. O inspector Duff realiza as suas investigações em torno das pessoas que fizeram parte da expedição, mas não consegue provas sufficientes para poder prender quem quer que seja.

Em Nice Honeywood, outro membro da expedição é encontrado morto, esse, porém, com todos os indicios de se ter suicidado. O agente Duff parte para San Remo, afim de encontrar a esposa de Honeywood. Ao tomarem o ascensor que os conduzia ao salão, onde ella vae denunciar Jim Everhad como o homem que assassinou o marido, um tiro mata-a instantaneamente. Desconcertado, Duff resolve regressar á America em busca de melhores dados.

Durante a viagem, nasce um romance de amor entre Pamela Potter, sobrinha de Drake, e Mark Kennaway. Emquanto Miss Potter vae a Hong-kong fazer umas compras de curiosidades regionaes, ouve alli uns chinezes falarem no nome de Jim Everhad, apontando um grupo onde se encontravam cinco membros da expedição. Para descobrir a identidade do verdadeiro criminoso, a senhorita Potter grita o nome de Jim. O plano da arrojada senhorita fracassou, porque os cinco individuos se voltaram todos ao mesmo tempo. Procuram, então, matál-a, e ella avisa apressadamente Duff. O detective parte immediatamente para Honolulu a juntar-se de novo á expedição e a conferenciar com o seu velho amigo o detective Charlie Chan.

Antes do vapor sahir de Honolulu, Duff foi ferido gravemente e Charlie Chan toma o seu logar para levar ao fim a investigação. Antes de chegar a S. Francisco, Chan manda a cada um dos suspeitos uma carta com a qual espera denunciar o culpado. Na cortina do seu camarote põe uma figura artificial reflectindo a sombra de um homem. Cada um dos cinco homens vae ao camarote de Chan para lhe falar, mas só um procura matál-o. Esse era o criminoso.

Elle estava na bôa pista.

Illustrações do film ERAM TREZE

«Precisamos descobrir o criminoso».

A vida a bordo era alegre.

JOGANDO A VIDA

(Continuação)

jectivo destruir uma vida por dinheiro, adeantou North:

— Agora quero prevenil-o de uma coisa: o meu nome não figurará nesta transacção para nada. Passado o anno estabelecido pela clausula dos seguros, você compromette-se a acabar com a vida como melhor lhe pareça, e a sua viuva cobrará então a importancia da apolice.

— Mas eu não sou casado!

— Mas vae sel-o, contestou-lhe seccamente North. Vou apresentar-lhe a sua futura esposa, para que se dêem a conhecer...

* * *

Obrigado por North, assim que Alan consentira no negocio, fôra apresentado a Beverley, uma das victimas do mysterioso traficante, e com ella se casára. Ambos sujeitaram-se por força do destino.

(Conclue noutra pagina)

NOTAS DE ARTE

ADRIANA JANACOPULOS. — No *hall* do Palacio-Hotel visitámos em 30 de junho ultimo a exposição de esculptura da artista brasileira sra. Adriana Janacopulos. 14 trabalhos: 11 Bustos-retratos, 2 Cabeças de mulher e 1 Projecto de Pavilhão para piscina.

Não sabemos se devido á natureza da nossa sensibilidade ou á escola de arte seguida pela sra. Adriana Janacopulos, o facto é que as suas obras plasticas não nos produziram nenhuma emoção sensacional de arte. Photographias a tres dimensões, retratos em relevo, mas sem vida. O costume grego, adoptado pela esculptora, de cegar as figuras, ainda mais lhes dá o cunho de figuras mortas.

Não conhecemos Prokofieff, mas já lhe ouvimos composições, e a contemplação do seu busto não desperta a lembrança do compositor. No de Villa Lobos a mesma desharmonia entre o homem e o artista. Entretanto, parece que a realização esculptural, para ser verdadeira obra de arte, deve, reproduzir o moral; que o cinzel do esculptor nos traços physionomicos deve imprimir a alma do esculpido. E' a lição dos mestres. Sem sahir do Brasil e do Brasil de hoje temos magnifica illustração do conceito nesse grande pequeno poema de pedra, que é o busto de S. Paulo, esculpido por Decio Villares. Vêl-o é ouvir o Apostolo das Gentes pregando a redempção do mundo.

Certo são raras, rarissimas as obras de arte capazes de produzir emoções, como as que produz a incomparavel esculptura do celebre artista brasileiro, mas, embora em menor gráo, todo verdadeiro artista póde e deve imprimir na reproducção plastica da figura humana um cunho de vida psychica que impressione e commova quem a contemple. E é isso que nos parece faltar á obra de Adriana Janacopulos.

Entretanto, quer parecer-nos que ha proposito nessa carencia. A illustre artista patricia não encara, como encaramos, a finalidade da arte. O seu objectivo é, por assim dizer, sensualizar e não sentimentalizar a figura humana. E para isso requinta na perfeição da fórma. Procurando e mesmo conseguindo realizar em pleno seculo XX, modelos plasticos da Hellade. A só differença é que a simplificação dos planos dá a seus bustos alguma cousa da rudeza da arte hellenica, da arte egypcia, como, aliás, reconhece um dos seus criticos francezes, (R. Cognat), embora accrescente este contradi-

Nicia Roubaud é uma das nossas mais bellas e promissoras organizações de artista. Sua passagem pelo Instituto Nacional de Musica foi das mais brilhantes. Conhecida, já, do nosso publico, que nunca lhe regateou applausos, a talentosa pianista paulista realizará, no dia 7 de agosto proximo, um novo concerto. Para esse alto recital de arte, Nicia Roubaud organizou magnifico programma e, certo, a culta platéa carioca não deixará de ir applaudil-a, mais uma vez, na interpretação de mestres como Barrozo-Netto, Bach-Liszt, Schumann, Scriabine, Tcherepinine, Mitropoulo, Nepomuceno, Mignone e outros. Esse concerto de Nicia Roubaud realizar-se-á no Salão nobre do Instituto Nacional de Musica.

ctoriamente que aquella simplificação não sacrifica a vida dos retratados.

Sob semelhante aspecto, a arte da sra. Adriana Janacopulos só merece louvores, especiaes louvores dada a perfeição com que realiza a reproducção physica, essensialmente formal, das pessôas que esculpe.

Pena é que, senhora de uma technica perfeita, não a consagre a gloriosa esculptora brasileira a uma arte menos geometrica e mais psychica, menos material e mais humana.

SOCIEDADE DE CONCERTOS SYMPHONICOS. — Na tarde de domingo, 17 de Julho, no Theatro Municipal, realizou a S. C. S. o seu 183.º concerto, com este programma: I) MOZART — *O Rapto do Serralho* (Abertura); H. RABAUD — *A Procissão Nocturna* (poema symphonico); R. WAGNER — *Entrada dos Deuses no Walhalla*; II) BORODINE — *Nas Steppes da Asia Central*; FR. BRAGA — *Toada* (violino e orchestra); LORENZO FERNANDEZ — *Canção do Berço* e ALBERTO NEPOMUCENO — *Ao amanhecer* e *Anoitece* (canto e orchestra); LORENZO FERNANDEZ — *Batuque*.

Regente: maestro Lorenzo Fernandez; violoncellista: prof. Newton Padua; cantora: prof. Amalia Fernandez Conde.

Se não foi dos melhores da série, nem por isso deixaram de ser justos os applausos. Assignalamos especialmente a execução de quatro numeros: *Nas Steppes da Asia Central*, *Toada*, que foi bisado, *Canção do berço* e *Anoitece*.

Abstrahindo do genero, é de destacar-se tambem *Batuque*, alvo de muitas ovações, e ruidosamente bisado.

LÉA AZEREDO E NENÉ BARUKEL. — Com o programma que abaixo transcrevemos realizaram a sra. Léa Azeredo da Silveira e a senhorita Nené Barukel, no T. M., na tarde de 18 de julho, um recital de canto e declamação. 1.ª parte: I. Declamação, por Nené Barukel: Cleomenes Campos — *Meu clarim! Meu tambor!*; Santos Chocano — *La cancion del camino*; Manotti del Pichia — *A Mandinga* (trecho de *Juca Mulato*); Olavo Bilac — *O julgamento de Phrynéa*; II. Canto por LÉA AZEREDO DA SILVEIRA: Haydn — *La vie est un rêve*; Al. Scarlatti — *Tout est joie...*; Schubert — *Die fo-*

(Continúa na pag. seguinte)

reth; Fauré — *Soir*; Debussy — *Chevaux de bois, Paysages belges*; Chabrier — *La villanelle des petits canards*; — 2.ª parte: I. Declamação por Néné Barukel com o concurso do dr. Bento Martins: *Amor com amor se paga*, dialogo de Alice Ogando; II. — Canto por L. A. S.: João de Souza Lima — *Numa concha* (versos de O. Bilac); Lorenzo Fernandez — *Sombra suave* (versos de Tasso da Silveira); Santo Liquido — *L'assiolo canta*; Mussorgsky — *Chant juif*; Strawinsky — *Les canards, les cygnes, les oies...* Szymanowsky — *Le grillon et le hanneton*; Burleigh — *Didn't it rain, Negro Spirituals*.

Pianista acompanhador o prof. José de Sousa Lima.

Talvez pelo ambiente de agitação politico-militar, pelo estado de guerra civil que confrange actualmente o Brasil ou por outro motivo occasional, o certo é que o recital não foi, pelo menos na 1.ª parte — que á 2.ª não nos foi possivel assistir — o que era de esperar das duas applaudidas artistas da palavra recitada e cantada. Mas nem por isso deixaram de ser ambas palmeadas e florejadas.

Quanto a nós, applaudimos especialmente: de Néné Barukel, *La cancion del camino* e *A' mandinga*, e de Léa Azeredo, *Die forelle, Soir, Chevaux de bois*.

Pareceu-nos que foi na interpretação desses numeros que mais se revelaram, embora mais ou menos penumbradas, as qualidades primaciaes das duas artistas.

ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO. — Em a noite do penultimo jovedia, 5.ª-f., 21 de julho, realizou no T. M., a O. P. R. J., o seu 1.º concerto de assignatura da temporada de 1932, sob a regencia do maestro brasileiro Burle Max, tendo como solista o violoncellista uruguayo Nicastro.

Foi executado este programma: BERLIOZ — *Carnaval Romano*; CESAR FRANK — *Symphonia em ré menor*; SAINT-SAENS — *Concerto para violoncello e orchestra em lá menor op. 33*; LISZT — *2.ª Rhapsodia*.

Pensando para sentir, deu-nos o concerto impressão diversa da que se experimenta sentindo para pensar.

As composições das celebridades francezas revelaram ao par de paginas immediatamente accessiveis á nossa sensibilidade, trechos em que se adivinham difficuldades technicas superadas pelos compositores, mas que não nos sensibilizam; ao passo que a criação do genio hungaro é de principio ao fim cheia de bellezas technicas e estheticas, que agradam simultaneamente a intelligencia e o coração.

NOTAS DE ARTE

(CONCLUSÃO)

Naturalmente ouvidas e reouvidas, as tres primeiras acabariam por nos dar a mesma impressão da ultima, mas numa só audição, não ha duvida que a emoção provocada pela *Rhapsodia* supera a produzida pelo *Carnaval*, pela *Symphonia* e pelo *Concerto*.

Eis por que não foi o mesmo o enthusiasmo com que o publico as applaudiu. Embora muitas as palmas que ovacionaram as primeiras, não tiveram a frequencia, a intensidade, a duração das que saudaram a ultima. Só esta arrancou *bravos* do auditorio.

Quanto á interpretação destacamos especialmente não só a *Rhapsodia*, como tambem a *Symphonia*.

Burle Marx tudo regeu com o costumado fulgor.

Nicastro revelou mais uma vez o seu valor de violoncellista, sobretudo a sua rara technica.

Não esqueçamos a grande concurrencia, em que predominava o elemento germanico, mas onde

— Ah, doutor! A idéa de que meu marido talvez tenha sido enterrado vivo não me sáe da cabeça.

— Ora, ora... que absurdo! A senhora sabe muito bem que eu fui seu medico, durante toda a doença...

tambem se viam genuinos filhos do Brasil e se destacavam figuras representativas da belleza e da graça da mulher brasileira.

FESTIVAL-SANZONE. — Em homenagem ao emprezario G. Sanzone effectuou-se no T. M., em a noite de 23 de julho, uma festa musical em que tomaram parte reputados nomes do nosso meio artistico musical: a pianista senhorita Honorina Silva, que tocou a *Toccata op. 7*, de Schumann, *Il neigo* e *Valsa Capricho*, de H. Oswald, e a *Barcarola*, de Chopin; — a soprano ligeiro senhora Carmen Sbillo, que cantou *Una voce poco fa*, da op. "Barbeiro de Sevilha", de Rossini, e *Caro nome*, da op. "Rigoletto", de Verdi; a soprano lyrico-dramatico, sra. Carmen Gomes, que cantou *Pace, mio Dio*, da op. de Verdi, "Força do Destino", e com o tenor Reis e Silva, o duetto da op. "Andréa Chénier", de Giordano — *Viva la morte*; o violinista Romeu Ghispmann, que tocou *Tempo do minuetto*, de Pugnani e *Preludio e Allegro* de Kreisler; o violoncellista Iberê Gomes Gross que tocou *Minuetto* de Rameau e um *Scherzo*; o tenor Reis e Silva, que cantou *O tu che in seno angelli*, da op. "Força do Destino", de Verdi; o pianista Arnaldo Estrella, que fez todos os acompanhamentos.

Correspondendo á espectativa geral concorreram todos para o bello exito da homenagem prestada ao querido emprezario. Impressionaram-nos mais especialmente as interpretações da *Valsa Capricho*, *Una voce poco fa*, *Pace, mio Dio*, *O tu che in seno angelli*, *Preludio e Allegro*, e *Minuetto*, em que Honorina Silva, Carmen Sbillo, Carmen Gomes, Reis e Silva, Romeu Ghispmann e Iberê Gomes Grosso, mais e melhor revelaram os seus dotes de cantores ou instrumentistas.

G. Sanzone é um nome que nos suggere grata lembrança da nossa adolescencia, quando tivemos o primeiro contacto com grandes Companhias Lyricas. Foi então que ouvimos e vimos, e muitas vezes contamos, os bellos espectaculos em que tantos triumphos alcançaram a Pallermini, a Montalcino, a Darclée, e Zanatello e Didur, o maestro Polacco, e muitos outros, alguns dos quaes attingiram ás culminancias da celebridade mundial, como Darclée e Zanatello. Recordamos especialmente a grande impressão que nos deixou a figura, a voz e a arte de Zaira Montalcino, interpretando a Carmen, de Bizet. Registramol-a num máo soneto italiano, mas nem por ser máo deixou elle de ter tido as honras de uma citação por critico musical, que era tambem medico e musico. Ouvindo o critico a interpretação da *Carmen*, não sabemos mais por que artista, evocou a proposito o verso final do nosso soneto a Montalcino:

Tu sei la Carmen che Bizet sognò...

O festival-Sanzone deu-nos assim não só o ensejo de passar algumas horas de delicia espiritual, ouvindo bôa musica instrumental e vocal, como tambem o de recordar um passado, em que tivemos as primeiras e grandes impressões do theatro lyrico.

OSCAR D'ALVA

SOBRE O AMÔR

Privae o amor da inquietude e do mysterio e tel-o-eis despezado do que realmente fascina os enamorados.—*Madame de Villedieu.*

*

Conhece-se melhor o amor pelas desgraças que causa que pela felicidade que proporciona.—*Madame de Chatelet.*

*

Os ciumes grosseiros são uma desconfiança da creatura amada; os delicados, uma desconfiança de si mesmo. — *Madame de L. Esnasse.*

*

O amor nos rouba a felicidade — *Madame Xecker.*

UM FILM EXCEPCIONAL

Realismo!... Realismo! E' esta a divisa de algumas emprezas cinematographicas de Hollywood. E assim foi que, inesperadamente, conseguiu um operador cinematographico um *film* verdadeiramente real. Preparava-se o *metteur en scene* para filmar uma pellicula com cincoenta pelles vermelhas genuinos. E, precisamente, quando se achava filmando varias scenas em Wyoming, chega a noticia de que dois brancos tinham assaltado um carro postal. O *sherif* de Wyoming offereceu, então, mil dollars a quem trouxesse vivos os bandoleiros. Ao ter conhecimento desse premio os 50 pelles vermelhas como se fossem um só homem, esqueceram-se de que estão filmando e pulando sobre os seus cavallos lançaram-se em direcção á montanha afim de prender os criminosos. Sem perder a calma, o operador cinematographico acompanhou os pelles vermelhas em automovel. Ao cabo de duas horas, os indigenas davam caça aos bandidos que, resistindo, foram massacrados. O *metteur*, homem intelligente, colheu até os detalhes mais insignificantes desse linchamento, conseguindo que o seu *film* tivesse um exito formidavel, tal o realismo de suas scenas.

LUA DE MEL

— Queridinho, meu amor, não te cansa esta nova vida?

— Não, minha mulherzinha.

— Receio, ás vezes, que lamentes tua vida de solteiro...

— Ao contrario; tanto que se morreres hoje, amanhã mesmo já eu estaria casando de novo.

Novidades Literarias da Europa

Em junho ultimo, foram vendidos, no Hotel Drouot, os manuscriptos e cartas de Anatole France, provenientes da bibliotheca de Armand de Caillavet. Admirável e disputado leilão, como só se vê em Paris. O "dossier" do "*Lys Rouge*, manuscripto autographo, num total de 960 paginas, deu 70 mil francos. Um exemplar em papel velin do *L'Affaire Crainquebille*, contendo uma "suite" á parte em papel da China e uma aquarella original de Steilen, deu 30.100 francos. Uma série de desenhos originaes de Steilen que serviram para illustrar a mesma obra deu 30.500 francos. *Les Noces Corinthiennes*, edição original, 4.000 frs. *La Vie Litteraire*, ed. original, R. vol. 17.000 frcs. *Thais*, ed. original, 10.000. — *L'Etui de Nacre* (ed. original 6.150 francos. — *Histoire Contemporaine*, ed. original, 12.000 francos, etc. No dia immediato, realizou-se a venda das cartas escriptas por Anatole a Mme. De Caillavet, em numero de 52, que foram adquiridas por 60.000 francos.

O periodo da Guerra continua a fornecer material para enormes escandalos e assumpto sempre novo aos escriptores. Quando, mais tarde, se escrever a historia da grande hecatombe de 1914, os historiographos terão fontes innumeraveis onde ir buscar detalhadas informações, nas innumeras edições que nesses 20 annos proximos se farão. Ainda o publico de Paris não descansou do escandalo que motivaram os *Carnets de* Gallieni, e já a Livraria Plon lança no mercado, como uma bomba, mais um livro de Guerra *Souvenirs d'um attaché naval en Allemagne et en Autriche* 1910-1914), pelo almirante de Faramond. O autor, que foi addido militar da França na Allemanha nos 4 annos que precederam a Guerra, era tido em alta estima pelo Imperador e, devido a isso, nos conta coisas interessantissimas e ineditas. Mais um livro de successo.

Paul Valéry, o maior poeta vivo da França, acha-se actualmente na Austria, onde, na Kulturbund, de Vienna, vem de realizar com enorme successo uma conferencia intitulada "Regards sur le monde actuel".

A "Feira das vaidades", uma das obras primas de Thackeray, vem de ser filmada, mas, como sempre, o metteur en scéne achou que devia modernizar os personagens e collaborar no enredo, o que está motivando grande protesto por parte de todos os autores francezes, que respeitam mesmo as obras estrangeiras, diz o Figaro.

O Comitê France-Italie vem de lançar a idéa de ser erigido em Roma um busto de Chateaubriand, que foi um enamorado da cidade eterna e o escriptor que mais della falou. Esse monumento será feito em França, por subscripção publica e será offerecido ao governo italiano.

Segundo as informações que nos dá um jornal inglez, a imprensa yugoslava protesta enormemente contra a invasão dos autores estrangeiros no seu paiz, em detrimento dos autores nacionaes. Os autores estrangeiros mais lidos lá são Bernard Shaw, Wells, Galsworthy, Wallace, Jerome e Sinclair Lewis. Este ultimo vendeu mais de 10.000 exemplares do dr. *Arrowsmith*, emquanto que o autor mais lido da Yougoslavia não consegue vender mais de 1.500 a 2.000 exemplares

---

O editor J. Ferroud, especialista em edições de luxo e um dos mais importantes de Paris, vem de lançar a *Odysséa de Homero*, em formato extra luxuoso, ornado de innumeras aquarellas, que obtêm vivo successo.

BRICIO DE ABREU

Uma das bellas aguas fortes que ornam a edição de luxo de «Madame Bovary», de Flaubert, e que obtém, presentemente, um êxito formidável. A edição é de F. Ferroud, um dos mais reputados especialistas de Paris, no genero.

Gustavo Barroso — LUZ e PO' — Renascença Editora — Rio — 1932 — 5$

MAIS um grande livro de Gustavo Barroso. Obra de erudito e philosopho, a um tempo. Reflexões, sentenças, maximas, tocando todas as facetas da vida. Obra de um espirito caldeado pelo soffrimento, pelas dôres, pelas desillusões do mundo. Porque o nosso João do Norte sente que o inverno chegou para elle e como Mistral pensa que é preciso sem demora esmagar as suas azeitonas para offerecer o oleo virgem ao altar do Senhor...

Luz e pó!

Vivamos dentro de nós mesmos; em presença do universo, erijamos a torre de marfim do nosso microcósmo; e desafiemos desta sorte o pessimismo e a dôr.

Lembra-te, homem, que és pó e em pó te tornarás; porém lembra-te, ao mesmo tempo, que és luz e luz tornarás a ser. Porque a luz e o pó nasceram no mesmo dia e da mesma semente.

São assim as paginas do livro, fartamente illuminadas pelo espirito de Gustavo Barroso, esse atheniense das nossas letras, que tem o dom de encantar, seduzir, prender pela elegancia das attitudes, pelo poder de fascinação pessoal.

Renascença marcou com uma pedra branca o inicio das suas edições, publicando o novo livro de Gustavo Barroso, que na escala das suas obras tem o numero quarenta e sete!

Paul Jagot — O PODER DA VONTADE — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1932 — 5$

MARIO SETTE traduziu a excellente obra do dr. Paul Jagot, que imaginou um methodo de educação da vontade como força realizadora e exclusiva, manejada pelo homem para vencer na vida.

O poder da vontade sobre si mesmo, sobre os outros, sobre o destino... Livro interessante, digno de ser lido.

Emilio Richebourg — A FILHA MALDITA — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1932 — 10$

SÃO dois grossos volumes, constituindo cerca de 700 paginas de interessante leitura. Revivendo os velhos autores, a *Civilização* vae imprimindo maior desenvolvimento á *Bibliotheca Popular*, onde já figuram algumas obras de valor.

Edgard Wallace — O HOMEM DIABO — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

MAIS um livro da collecção *Para Todos*, na qual Wallace já figura com onze trabalhos. O original inglez da presente traducção foi publicado com o titulo de *The devil man*, tendo obtido esplendido successo.

Rafael Sabatini — AMOR EM ARMAS — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

NA collecção *Para Todos*, sobejamente conhecida e apreciada pelo publico, figura mais um volume de Sabatini, um dos grandes escriptores contemporaneos.

São 310 paginas de leitura attrahente, que dispensam maior recommendação.

Castello Branco de Almeida — GOSTO AMARGO — Rio — 1932

UMA estréa mais que auspiciosa. Não usa o poeta de artificios para se destacar na pleiade dos novos. A sua maneira de poetar agrada plenamente, por isso que as pequenas falhas são suppridas pelo talento do autor.

Quizera ser um vagabundo
— Maximo Gorki da Poesia —,
Eu que percorro o céo profundo,
Que ando a vagar, de mundo em mundo,
No meu corcel de phantasia!

Ahi está a originalidade da inspiração do novo poeta. Não se deixando prender pelas imagens *surradas*, conquista desde logo a nossa sympathia. Assim, o volume interessa da primeira á ultima pagina, destacando-se pela belleza das imagens o soneto — *A minha mãe* — que em seguida transcrevemos:

Um dia, em meio ás tenebras da Vida,
Como o sol, que nasceu para aquecer,
O Amôr — visão da Terra Promettida —
Subitamente illuminou-te o ser!

E, no esplendor de uma arvore florida,
Atiraste-me á angustia de viver!
Eu te bemdigo pela dôr soffrida!
Pela dôr que ainda tenho de soffrer!

Tu conheces tambem a dôr que medra
Até nos duros corações de pedra!
Nos bons nos máos... extraordinaria dôr!

E, no Valle de Lagrimas que trilho,
Soffres, ó mãe, de ver soffrer teu filho
— Personificação do teu amôr!

Mario Sette [signature]

Sobre a felicidade

Para a creatura que ama ha só uma felicidade: é ser amada. Mas, conseguida essa certeza, ella põe a sua felicidade num outro objectivo.

E, assim, a felicidade continúa sendo uma utopia.

No livro da vida, a felicidade está sempre na pagina que ainda não lemos.

Ou estava numa pagina que não existe mais.

Felicidade que tem por base o prejuizo de outrem é como o vinho fino em taça mal lavada.

Considero infeliz a creatura que nada mais deseja. E' o principio do tédio que infelicita profundamente, sem ser uma infelicidade.

DIZEM que a felicidade não existe. Talvez por ser ella a unica eterna incomprehendida.

Muitos correm tanto atraz da feicidade, que não na vêem, passando junto della.

A felicidade que causa inveja é, quasi sempre, uma caricatura da felicidade.

Como deve ser infeliz a creatura que finge ser feliz!

Tudo póde ser julgado por outrem, menos a felicidade de alguem.

Ha creaturas felizes. São as que acreditam na felicidade.

A verdadeira felicidade é simples.

Como a verdade.

Para muitos a felicidade consiste em não ter tempo para pensar nella.

A riqueza, a gloria, o successo são arremedos da felicidade. Mas é feliz quem se contenta com esses arremedos.

Ser bom tambem é ser feliz. Mas é uma felicidade pouco conhecida.

O sentimentalismo é o maior obstaculo para a felicidade.

Grande parte das creaturas felizes são indifferentes. A' dor alheia ou ao proprio soffrimento.

A felicidade, bem como o infortunio, tem a importancia que se lhe dá.

Depois de passados, ambos deixam o mesmo travo amargo.

A maior felicidade é poder tornar felizes aquelles que nos cercam. E, tambem, a mais difficil das felicidades.

OS ROMANCES

DE «FON-FON»

CONSTITUEM um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que, admiravelmente, liga á parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis,

Michel Zevaco.

prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeiro thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A

Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado, vale postal ou sellos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A.

PREÇO DAS COLLECÇÕES:

OS PARDAILLAN, 12 fase., 6$000, pelo correio 7$200 — EPOPEA DE AMOR, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — FAUSTA, 10 fase., 5$000, pelo correio 6$000 — FAUSTA VENCIDA, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — PARDAILLAN E FAUSTA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — AMORES DE NANICO, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — O FILHO DE PARDAILLAN, 16 fases., 8$000, pelo correio 9$600 — CAPITAN, 14 fases., 7$000, pelo correio 8$400 — BURIDAN, 19 fases., 9$500, pelo correio 11$400 — PONTE DOS SUSPIROS, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — AMANTES DE VENEZA, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — O CASTELLO SAINT POL, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — JOÃO SEM MEDO, 6 fases., 3$000, pelo correio 3$600 — HEROINA, 14 fases., 7$000, pelo correio 8$400 — NOSTRADAMUS, 13 fases., 6$500, pelo correio 7$800 — DON JUAN, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — REI AMOROSO, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — A GRANDE AVENTURA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — A DAMA DE BRANCO E A DAMA DE PRETO, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — O RIVAL DO REI, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — TRIBOULET, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — PATEO DOS MILAGRES, 10 fases., 5$000, pelo correio 6$000 — A RAINHA ISABEL, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — PASSAVANT, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — MARIA ROSA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — FLORES DE PARIS, 20 fases., 10$000, pelo correio 12$000 — FLORINDA A BELLA, 5 fases., 2$500, pelo correio 3$000 — O CONDE REI, 6 fases., 3$000, pelo correio 3$600 — A RAINHA DO ARGOT, 13 fases., 6$500, pelo correio 7$800 — O FIM DE PARDAILLAN, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — O FIM DE FAUSTA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800.

Pedidos a EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

RUA REPUBLICA DO PERÚ, 62 -- Rio de Janeiro

sem nenhuma esperança de encontrarem nessa união a mais leve sombra de felicidade.

Para que não se visse á ultima hora burlado nos seus designios, North tivera o cuidado de arranjar tudo para que a essa fatidica parelha nada faltasse durante um anno. Assim é que, após o casamento, não só se viu Alan levado para a sua casa, supprida de todo o necessario, com até a comedoria, preparada por cozinheira por North escolhida, lá esperava o joven par.

O facto é que o usurario e traficante tinha tomado todas as precauções, fornecendo desde a casa á criada e á comida, para que não acontecesse pregarem-lhe alguma peça os recem-casados, se se déssem, depois de mezes, á fantasia de amar.

*

O anno decorria rapidamente. E quanto mais para o fim se moviam os dias tanto mais se desesperava Alan, que, sem remissão, marchava para a morte certa e inevitavel. Depois, muito contra a expectativa dos esposos, uma mais intima comprehensão dos seus destinos começava agora a se formar e uma vontade mais firme de viver dahi provinha.

Num desesperado esforço para livrar-se do terrivel veredicto, Alan reune todo o dinheiro que tem e volta á banca de jogo, disposto a apostar tudo e ganhar bastante para pagar a North o principal e juros do dinheiro que elle empregára no seguro. A sorte lhe é favoravel. Em algumas paradas felicissimas, consegue Alan ganhar bastante dinheiro, mas uma chamada telephonica da mulher, obrigao a deixar o jogo. Tem entretanto o bastante para pagar a North o que empregou no seguro e mais o agio correspondente.

Ao ir tratar do resgate da sua vida com o judaico North, diz-lhe sescamente o traficante:

— Alan, a sua vida vale-me hoje em dia 100.000 dollares, e por menos não o deixo viver. Como sabe, a idéa foi sua; eu só fiz adeantar o dinheiro e augmentar a importancia do seguro.

— Isso foi antes, mas agora...

— Comprehendo, atalhou North, agora você está amando e não quer cumprir o nosso pequeno ajuste, não é? Mas fique certo de uma coisa: o negocio irá até o fim, quer você queira ou não queira!

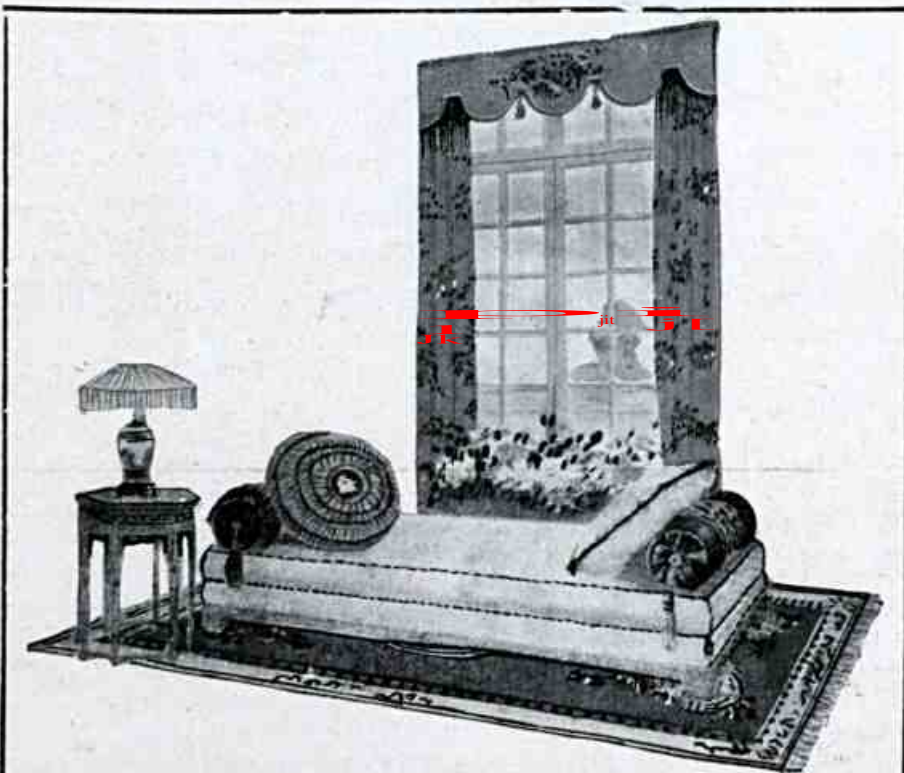
*

Era noite de Natal. Beverley esperava o marido com uma ceia appetitosa. Para compartilhar da alegria reinante em todos os lares, Johnny, irmão da mulher de Alan, trouxéra a esposa, Mae, afim de, juntos em familia, celebrarem a grande festa christã. Ao entrar de Alan, para elle corre a mulher, ansiosa de saber da resolução de North:

— Não faz por menos dos 100.000, responde Alan.

— Miseravel, estragou o nosso feliz Natal! exclama Beverly.

Entrando, com difficuldade, na casa de North, lá a Alan se depara o que elle esperava: Johnny tinha sido subjugado pelos asseclas do seu inimigo e ia agora sendo conduzido para um passeio no auto de North.

Alan, que já avisa a policia, mette-se no carro de North, disposto a tudo... Em pouco, em perseguição ao auto, apparecem os carros policiaes. E' uma carreira louca... Emocionante! Ao virar de uma curva, tomba o carro, e North soffre a expiação do seu crime...

A ARARA

De HORMINO LYRA

SENHORINHAS casadoiras possuiam bonita arara de bella plumagem auri-verde e com as azas guarnecidas de uns vivos negros e encarnados.

Moravam no segundo andar de antigo sobrado, em cuja sacada de frente costumavam collocar a bonita arara. Esta, apesar dos esforços empregados pelas donas em lhe ensinarem a dizer alguma coisa, quasi nada aprendêra. De espaço a espaço, abria o bico retorto para articular apenas estas duas palavras inteiras e com perfeição:

"Está claro."

E não sahia desta coisa:

"Está claro."

Vão alguns estudantes para a vizinhança do referido sobrado, como habitantes da sala de frente de outro segundo andar, e implicam logo com a arara por levar o dia inteiro a repetir com a voz grossa e roufenha:

"Está claro."

Quando não era isso, era implacavelmente isto:

"Ra! Ra! Ra!"

E ficava horas inteiras a gritar:

"Ra! Ra! Ra!"

Estribilho desgraçado! Era preciso dar *um fóra* naquella ave, tão bonita quanto importuna.

Lembram-se então de comprar no mercado um papagaio *falador* para lhe ensinar uns ditos, afim das senhorinhas serem obrigadas a recolher a arara lá para os fundos do sobrado.

Compram o papagaio. Este éra palrador terrivel. Estava sempre cantando uma versalhada aprendida no sertão:

Ha muito tempo
eu não como carne frita;
triste de mim
si não fôsse a Benedicta!

•

Ha muito tempo
eu não como tapióca;
triste de mim
si não fôsse "Inhá" Maróca!

•

Papagaio loiro
do bico doirado,
me leva esta carta
ao meu namorado!

Isso não tem futuro. Vamos adeante.

Os estudantes ensinam algumas phrases ao papagaio e levam-no para a sacada, afim de fazer a arara desapparecer.

De chegada, sacode as azas e diz, cantando, as quadras sertanejas.

Correm as senhorinhas á janella e riem gostosamente.

Em seguida, vem a lição dos estudantes:

"Estas donzelas precisam casar"

As senhorinhas já não riem gostosamente; sorriem apenas.

Affirma a arara:

"Está claro."

Continua o papagaio:

"Porém são feias!"

As senhorinhas ficam sérias.

Confirma a arara:

"Está claro."

Prosegue o trepador:

"Já são bem velhas!"

As senhorinhas saem bruscamente da janella. Dahi a pouco, desapparece a arara.

A BÔA MESA

OS americanos fazem agora guerra á cozinha sapiente e especial. Nada de "chefe" de boné branco e multiplas caçarolas, combinações complicadas e petiscos: tudo é inutil. Alguns sabios americanos affirmam que nada disso é necessario. Sete individuos se submetteram á experiencia: durante dez dias comeram á uma mesa posta com luxo, no meio de crystaes, talheres de prata, flôres, roupa de mesa de finissimo linho, os mais delicados menús. Depois, nos dez dias seguintes, tomaram alimentos preparados sem cuidado, misturados do modo mais repugnante — doce, frueta, arroz, carne, etc — tudo mettido num caldeirão. Pois, os sabios constataram que os individuos experimentados, vencendo a natural repugnancia, enguliram a enjoativa mistura assimilando 89.6 por cento, ao passo que nos dez dias dos alimentos escolhidos a assimilação havia sido de 87.6 por cento: differença insignificante.

Não vos preoccupeis, portanto, com a mesa, desnecessario labor para os effeitos nutritivos, e segui o exemplo do commandante allemão de um campo de concentração para prisioneiros da guerra, que aconselhou lançar na marmita commum todos os alimentos mandados pelas familias: as marmeladas com as sardinhas, o chocolate com o molho de tomates.

O HOMEM DO BEIÇO ARREGAÇADO

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

(Continuação)

Esta comtudo, soltando um grito arremetteu para uma caixa de madeira amarella que estava em cima da mesa e arrancou-lhe a tampa; cahiu de dentro um brinquedo, o mesmo exactamente, que Mister Saint-Clair ficara de levar ao pequerrucho.

"Semelhante achado e a atrapalhação manifestada pelo côxo, provaram ao inspector que era de gravidade o caso. Revistaram minuciosamente o recinto, e concluiram pela existencia de um abominavel crime.

O quarto da frente estava mobiliado á feição de sala modesta, e abria para uma saleta de jantar com vista para um dos armazens. Entre esta e a janella do quarto de cama, existe um estreito passadiço, que fica alagado com mais de quatro pés e meio de agua. A janella do quarto é rasgada e abre em toda a altura.

Durante o exame destrinçaram umas nodoas de sangue no parapeito da janella e uns pingos visiveis ainda no sobrado do quarto. No quarto primeiro indicado, atraz de um reposteiro, foram dar com o fato de Mister Neville Saint-Clair, á excepção do sobretudo. Botas, meias, chapéo, relogio, lá estava tudo. Os referidos objectos não revelavam o minimo indicio de violencia, e comtudo, Mister Saint-Clair havia desapparecido. Era de presumir que tivesse sahido pela janella, visto não haver outra sahida, e aquellas sinistras nodoas de sangue no parapeito, não deixavam antever siquer a esperança, em como pudesse ter-se salvo a nado, visto achar-se a agua em preamar no acto em que se deu a tragedia.

"E agora duas palavras acerca dos patifes que parecem achar-se directamente implicados n'este negocio.

"O Lascar é um meliante de pessima reputação, porém, havendo Mistress Saint-Clair declarado que o viu ao pé da escada, momentos depois de apparecer á janella o marido, apenas póde ter sido cumplice no attentado. O seu systema de defesa é a absoluta ignorancia; protesta que não tinha o minimo conhecimento dos factos e gestos de Hugo Boone, seu inquilino, e não poder, de modo nenhum ser responsavel pelo descobrimento do fato da victima.

"Isto com respeito ao gerente.

"Quanto ao côxo mal encarado, que mora no segundo andar da tal espelunca de opio, e que foi com certeza o ultimo que viu Mister Saint-Clair, o seu nome é Hugo Boone, e o hediondo carão é familiar a quantos frequentam a *City*. E' mendigo de profissão, comquanto, para illudir os regulamentos policiaes, finja vender caixas de phosphoros de cêra. A dois passos d'ali, seguindo pela rua Threadle Neadle, abaixo á esquerda, não deixará de ter notado que faz esquina o muro. E' ali, que estaciona, todo o dia, o dito individuo, de pernas trançadas, e com a caixa de mercadorias nos joelhos. Offerece um espectaculo tão digno de compaixão, que no sebento boné que põe no chão, ao pé de si cae um chuveiro de moedas de cobre. Por mais de uma vez tenho observado o dito individuo; até hoje, tive que travar conhecimento com elle por exigencias de officio, e causou-me sempre sensação a farta colheita que apanha no espaço de minutos. Não vê você que é tão estapafurdio o seu aspecto que não ha quem passe por ali que elle não dê nas vistas. Uns fios de cabello ruivo; um carão macilento, cortado por uma horrorosa cicatriz, a qual, contrahindo-se, lhe arregaçou a orla do beiço superior; uma queixada de cão de fila e um par de olhos pretos muito vivos em contraste singular com a côr dos cabellos, todo este conjuncto concorre a distinguil-o da caterva de mendigos e não menos o seu dom de repentista, pois tem sempre réplica para as chufas que nunca deixam de lhe dirigir os transeuntes. Foi esse homem, inquilino da espelunca do opio, o ultimo que viu a pessoa de quem andamos em procura."

— Mas que póde fazer um côxo, por si só, a braços com um homem no vigor da idade?

— E' coxo no sentido de andar pé no chão e pé no ar, mas a não ser isso, apparenta rijeza e optima saude. A sua experiencia profissional, Watson, não deixará de o haver inteirado de que a fraqueza de um membro é em mais de um caso compensada por um augmento de força nos restantes?

— Vá seguindo o fio da sua narração por obsequio.

— Mistress Saint-Clair perdera os sentidos ao ver o sangue no parapeito da janella, e a policia trouxe-a para casa num carro, visto como a sua presença nada adiantaria ao inquerito. O inspector Boston, incumbido do negocio, examinou muito sériamente o aposento, mas sem encontrar o minimo indicio que o puzesse na trilha. Commetteram um erro em não prender o Boone incontinente, e deixaram-lhe para se pôr em communicação com o seu amigo Lascar, quando afinal o capturaram e o apalparam, não descobriram coisa nenhuma que o pudesse compromettec. Confirmaram-se, é certo, da existencia de umas nodoas de sangue na manga do braço direito da camisa do malandrim; este, porém, mostrou um golpe que tinha no dedo annular da mão direita, ao pé da unha, e declarou que o sangue era proveniente do referido golpe, accrescentando que se acercara da janella momentos antes e que as nodoas ali encontradas tinham, com certeza identica procedencia. Negou a pés juntos o haver visto jamais Mister Neville Saint-Clair, e jurou que a presença do fato deste no seu quarto, representava para si um mysterio tal qual o representava aos olhos da policia. Quanto á asserção de Mistress Saint-Clair, de ter visto o marido á janella, Boone declarou que aquella mulher ou estava doida ou havia sonhado. A despeito dos seus protestos, lá o foram levando para o posto policial. O inspector de policia deixou-se ficar no recinto, esperançado de que a baixa-mar lhe traria qualquer novo indicio; e não se enganava, porquanto, no lôdo, encontraram, não aquillo que esperavam, porém sim o collete de Neville Saint-Clair, na falta

do proprio Saint-Clair. E..., veja lá se é capaz de adivinhar o que havia no bolso do collete?

— Eu sei lá!...

— Não me admiro, ninguem pode adivinhar. Pois bem! Os bolsos estavam elles todos atulhados de dinheiro em cobre, de varias dimensões. Acharam-se-lhe quatrocentas e vinte e uma moedas de dois soldo. Não é para admirar, portanto, que a maré haja respeitado aquelle achado. Mas um cadaver é arrastado com mais facilidade. E uma forte ressaca entre o cáes e o predio; pareceu, portanto, facto em extremo natural o haver ficado o colette, muito pesado, ao passo que o corpo, despido de todo e qualquer vestuario, foi arrastado para o meio do rio.

— Parecia-me ter percebido o haverem sido encontradas no quarto as outras peças todas do vestuario. Dar-se-ia o caso de terem vestido ao corpo o collete, tão somente?

— Não, e comtudo poder-se-ia sustentar essa these. Ora supponha que o Boone atirasse pela janella Neville Saint-Clair; ninguem podia ter dado por isso; e que fez elle então? Tentou ver-se livre do vestuario revelador. Lançou mão do collete com o sentido de o atirar para o rio, mas de subito reflectiu que boiaria em vez de se afundar. Não tinha tempo a perder, visto que ouviu a luta travada no patim da escada quando a mulher tentou subir, e quem nos diz que não estivesse já informado pelo Lascar, seu cumplice, de que os guardas de segurança vinha dar busca ao aposento? Não havia que estar com hesitações. Correu para o esconderijo onde accumulara os fructos da sua mendicidade, e atulhou os bolsos do collete com o cobre que saccou das algibeiras ás mãos cheias, para que fosse para o fundo; depois, atirou-o pela janella fóra. Igual sorte esperava o resto do fato a não ter ouvido rumor, e apenas teve tempo de fechar a janella antes da policia irromper pela porta dentro.

— Acho admissivel, effectivamente.

— Em todo o caso, partamos desta hypothese á falta de melhor. Como eu ia dizendo, o Boone foi capturado e levado para o posto policial; mas não puderam encontrar provas que o culpassem. E' conhecido ha annos e annos na qualidade de mendigo de profissão, e no seu viver não se encontra acto reprehensivel. E ahi tem você em que alturas se acha o inquerito. Resta ainda resolver o que estaria fazendo Neville Saint-Clair na tal espelunca do opio, o que lhe aconteceu emquanto ali esteve, onde parará actualmente, e a parte que tomaria o Hugo Bonne no desapparecimento. São outros tantos problemas cuja solução não tem adiantado um passo. Não me lembro de haver jamais tido que estudar negocio tão simples na apparencia, e tão complicado quando se examina.

Emquanto Sherlock Holmes ia contando historia tão singular, haviamos atravessado os arrabaldes da immensa cidade e passado além das ultimas casas isoladas; iamos agora de róta batida por uma estrada orlada de sêbes de um e outro lado. No momento em que Sherlock Holmes concluiu a sua narração tinhamos nós atravessado duas aldeiolas affastadas onde brilhavam ainda luzes nas janellas.

— Estamos quasi a chegar a Lee, declarou o meu companheiro. Tocamos em tres condados durante este curto trajecto; o nosso ponto de partida foi o condado de Middlesex, cortamos uma nesga do de Surrey, e estamos quasi a alcançar o de Kent. Vê além, por entre as arvores aquella luz, de um candieiro, está uma mulher cujos ouvidos anciosos já perceberam o tropel das patas do cavallo.

— Mas por que é que não estudou este caso em sua casa, em Baker-Street? perguntei.

— Porque ha muitas informações a tomar na propria localidade. Mistress Saint-Clair, com a maxima amabilidade poz á minha disposição dois quartos, e tenho a certeza de que você, meu collega, será acolhido de braços abertos. Sabe Deus o que me custa, Watson, tornal-a a ver sem lhe trazer uma noticia qualquer. Mas, eis-nos chegados. Olá!

Tinhamos parado em frente de uma vasta residencia campestre, cercada por um parque. Apeei-me de um pulo e segui atrás de Holmes por uma alameda ensaibrada que ia dar á residencia. Veiu receber-nos no portão uma mulherzinha loira. Trajava um vestido de musselina de seda com guarnições côr de rosa no pescoço e nas mangas. Perfilava-se o vulto emoldurado pelo portão. Apoiava uma outra com expressão anciosissima. Com a cabeça e o corpo um tanto inclinados para diante, lia-se-lhe nos olhos a mais viva afflicção, descerrava os labios, contendo a custo a pergunta prestes a soltar-se.

— E então! exclamou, o que ha?

Depois, dando pela minha presença, soltou um grito de esperança que se demudou em gemido assim que viu o meu companheiro abanar com a cabeça, encolhendo os hombros.

— Não traz boas noticias?

— Nem boas, nem más.

— Nem más, tambem?

— De qualidade nenhuma.

— Graças á Deus! Mas, entre, faça favor. Traz longa jornada e deve vir fatigado.

— Apresento-lhe o meu amigo, o doutor Watson; tem-me ajudado immenso em varios casos que desvencilhei, e devo a uma circumstancia propicia o poder trazel-o commigo afim de tomar parte nesse inquerito.

— Quanto estimo vel-o proferiu, apertando-me a mão. Queira desculpar-me alguma falta. Não ignora que acaba de ferir-me um tremendo golpe.

— Minha querida senhora, repliquei, conto já uns annos de praça, e quando assim não fosse, não tinha de que pedir desculpa. Para tudo que eu lhe possa ser prestavel, assim como a este meu amigo, póde contar commigo.

— E agora, senhor Sherlock Holmes, disse Mistress Saint-Clair encaminhando-nos para uma sala de jantar bem illuminada, na qual se achava posta a mesa, e uma ceia de frios, muito desejaria submettel-o a uma ou duas perguntas e espero que me responda com franqueza.

— Certamente, minha senhora.

— Rogo que abstraia do sentimento. Não pécco por excesso de sensibilidade nervosa, e acima de tudo, desejo saber a sua opinião.

— Acerca de que ponto?

(Continúa na pag. seguinte)

UMA MULHER VIRTUOSA...

—SENHOR, disse-me o homem, penso que julgará, como eu, a minha aventura bem estranha. Imagine que acabo de me divorciar depois de ser enganado por minha ex-esposa da maneira mais copiosa e variada...

—E é essa aventura que lhe parece excepcional? disse eu, rindo. O senhor diz bem, meu bom amigo, que os maridos enganados constituem em todos os paizes uma importante e respeitavel parte da população. Não, fique certo, seu caso nada tem de original. E', antes, de uma insipida banalidade.

—Que sabe o senhor? replicou o homem, quasi furioso. Não conhece ainda nada da minha historia.

Fui obrigado a dar-lhe razão e de deixál-o falar. Elle começou logo dessa maneira:

—Eu tinha um juramento que fizéra muito cedo a mim mesmo: o de nunca me casar. Havia já constatado, o que o senhor acaba de observar: a abundancia de maridos ridicularizados. Sabia-me dum temperamento ciumento e colerico, e inteiramente incapaz de aceitar, dada a hypothese, o naufragio de minha honra conjugal...

—Imaginamos sempre essa hypothese, murmurei eu. E, a maior parte do tempo, supportase bem soffrivelmente o acontecimento.

—Isso depende. No fundo, no que me tóca, o senhor tem razão. Mas, de longe, a principio, imaginava um drama. E não admittia. Resolvi ficar celibatario. Durante longos annos, mantive a palavra, apesar de numerosas tentações. Minha situação foi muita vez difficil, tanto mais quanto sou muito dado ás mulheres, desde que sejam bonitas. No emtanto, resisti a todas ás seducções matrimoniaes até a idade mais ou menos de trinta e cinco annos.

"Foi nessa época de minha vida que sobreveiu o accidente que me fez — ai de mim! — mudar de opinião.

"Já não me recordo por que motivo tive de ir á um notario do bairro. Mandaram-me esperar num pequeno escriptorio. Não estava só: uma joven secretaria tocava piano numa machina de escrever. A joven secretaria era loira. Eu digo era, porque, agora, ella é morena. Mas pouco importa: o facto é que ella produziu em mim forte impressão. Insensivelmente, approximei a minha cadeira da sua e puz-me a dizer á encantadora menina como a achava bella e agradavel, e, tambem, como seria feliz de beijál-a.

"Ella não respondia. Acreditei que o silencio era signal de assentimento e, agarrando de repente a moça nos braços, tentei dar-lhe um beijo nos labios. Foi nesse momento que eu recebi o mais lindo par de bofetadas de toda a minha vida. E como, apesar disso, eu insistisse, a moça selvagem poz-se a arranhar-me o rosto com as unhas ponteagudas, e de tal sórte que eu receei os olhos.

"No emtanto, ella dava enormes gritos e repetia com raiva que não permittiria nunca a nenhum homem faltar-lhe o respeito.

"Coberto de insultos e de desprezo, com o rosto todo esfolado, tive que me retirar, cheio de espanto. "Eis ahi, dizia eu, sabedoria, ou eu não me conheço! Essa senhorita é bem o que se chamava antigamente um verdadeiro dragão de virtude, especimen que não se encontra muito no mundo e tende antes a desapparecer, affirmam". Pensando assim, não estava pouco despeitado. Em resumo, eu acabava de me vêr muito mal recebido, arranhado — arranhado e injuriado, sem, comtudo, ter o menor consolo. Por outro lado, meu caro senhor, eu lhe direi, si acaso ignora, que um choque desse genero, sobretudo quando é tão fortemente infringido, deixa o assaltante mais commo-

A BILHETEIRAZINHA

ERA um dia uma linda menina, que o Destino impiedoso das almas pobres atirou no "brouhaha" babelico da luta pela existencia.

Como precisasse ganhar com honestidade os meios indispensaveis á sua subsistencia, collocaram-n'a numa das chamadas "borboletas" da Cantareira, especie de Moloch, que a todos engole com o mesmo appetite de sempre.

Galante, um sorriso "coquette" para cada passageiro que se deixa escorregar, a bilheteirazinha tem a graça-menina da cidade polychromada ao sol matutino.

Um dia, o primeiro pretendente á sua mão, um dos milhares de desconhecidos que desfilam sob a doçura seraphica de seus olhos, perguntou-lhe:

—Bilheteirazinha, queres casar commigo?

—Que é que você é na vida?

—Eu, assim todo perfumadinho a Coty, sou caixeiro...

—Ih!... Não quero não, não quero não...

E a "borboleta" respondeu, empurrando o candidato sem sorte:

—"Trac-trac... tra-ra-rac..."

* * *

O outro dia, joven de olhos amortecidos pelas melancolicas balladas que compunha, á luz argenteada da lua fria, estacou junto á bilheteirazinha:

—Figureta de Fragonard, queres dar-me a tua mão?

—E que é que você faz?

—Versos, musica cadenciada em sonetos... alexandrinos... Um mundo de deslumbramentos!...

—Não, não quero não... Assim seriamos dois a padecer do mesmo mal: a fome.

E a "borboleta", indifferente:

—"Trac-tara-rac... trac..."

De Pierre Billotey

vido, mais apaixonado que nunca. Foi o que me aconteceu

"Longe dessa casa, depois dessa aventura ridicula, e emquanto meus arranhões se cobriam de crôstas, não deixei de pensar na minha bella e terrivel dactylographa. De instante a instante, ella me parecia mais maravilhosa. "Aqui está uma, pensava, cujo marido nada terá a temer." Minhas idéas sobre o futuro modificaram-se, e cheguei a pensar que, casando com essa leôa que recebia as homenagens, com as unhas em guarda, não correria o risco de ser enganado.

"Essa idéa ganhou azas em pouco tempo no meu espirito, e, alguns dias depois da altercação, voltei ao escriptorio do tabellião. "A bellicosa e ruiva menina, quando me reconheceu, lançou-me um olhar ameaçador e eu a vi prestes a me acolher como da primeira vez.

"Assim, fiz-me muito manso e comecei por lhe apresentar muitas excusas. Mas ella conservava-se serena como um preceptor; falei-lhe em casamento, pedi-lhe a mão.

Desde esse instante, sua attitude mudou. De olhos baixos, ella declarou-me que eu lhe agradava muito, mas que a idéa de passar por uma pessôa pouco séria lhe desagradava. Foi por isso que ella me havia repellido com tanta energia. Agora, que ella percebia para commigo intenções honestas, não as repellia mais e teria grande alegria em receber-me por esposo.

"No auge da felicidade, apressei o mais possivel os preparativos de casamento. Finalmente, chegou o dia em que eu acreditei ser o da minha felicidade.

"Ai de mim! Logo no dia seguinte, achei a minha mulher nos braços de um grande livreiro. Em seguida, foi o inspector do gaz. O da electricidade supplantou-o em breve. Elle mesmo foi logo substituido por nosso vizinho. E quantos outros, meu caro senhor! Quantos outros! Foi uma especie de *record* disputado.

"Note, que não soube tudo. Apenas, sempre que entrava em casa, encontrava minha mulher em companhia dum desconhecido.

"Fiquei estupefacto, e ainda o estou. Mathilde, — era este o nome de minha mulher — que, a principio, se mostrára, a mim, sob o aspecto de uma virtude tão feroz, era, na realidade, uma especie de Messalina. Minha propria conducta não me surprehendia menos. Não obstante, pensava que, collocado na situação abominavel em que me achava no momento, não poderia deixar de entregar-me ás peiores furias, ás violencias sanguinarias. Nada disso aconteceu. Muito ao contrario. Limitei-me a dirigir a Mathilde timidas observações, que ella recebeu risonha, bem entendido.

"No fim de alguns mezes, acabei por me decidir ao divorcio. Mas só tomei essa resolução porque fui forçado. Os amigos, faziam-me vergonha. Todo o quarteirão glozava o facto. Agora, eis-me livre dessa mulher. Frequentemente, acontece-me pensar no seu primeiro acolhimento, tão cheio de virtude feroz e seguido de tanta leviandade. E custo a comprehender..."

— De facto, disse eu, agora sou da sua opinião. O caso é devéras estranho. Precisamos nos convencer de que, com as mulheres, nunca sabemos o que nos espera.

— Qual! o que! exclamou meu companheiro. Sabe-se muito bem, que, de uma maneira ou de outra a gente é sempre embrulhado. Quanto a minha mulher, no fundo, a apparente contradicção de seu caracter se explica facilmente. Ella era muito frenetica. Mas isso não impedia que fosse das mais levianas...

De Gomes Netto

No terceiro dia, brumellico, donjuanesco no donairoso modo de desfolhar madrigaes, Petronio na plasticidade da fórma apollinea, o derradeiro candidato suspendeu a attenção romantica da Julieta enamorada de Esperança...

— O' candura divina! Que os céos se fendam e, pelo azul ferido, uma chuva de estrellas fulgidas te corôe a formosura!...

E ella, extasiada, louca de amôr:

— Que é que você... faz?...

— Nada: tudo, porque sou rico, desfructo palacetes e um sensual automovel nos aguarda para a festa nupcial dos nossos labios...

Pobre bilheteirazinha! E ella foi, pela mão do ardiloso amante, como quem caminha para um sonho á Perrault. Só a "borboleta", philosophista, teve animo para protestar:

— "Trac-trac!... tra-ra-rac!..."

Os dias, contados pela velha e mathematica ampulheta chroneana, corriam serenos e insensiveis ás torpezas do mundo.

Na hora do casamento — porque ella, afinal, promettêra casar — tudo prompto, o véo apotheotico a occultar o acerejado do rosto della, ébrio de felicidade, o noivo disse:

— Um homento, querida. Não é que esqueci as minhas luvas?! Espera-me aqui; em um segundo voltarei...

E nunca mais o malvado voltou, como o "João Ratão", que a panella fumegante — diz a historia — tragou para sempre...

No principio, ella chorou muito, e ficou mais feia, com os olhos avermelhados pelo pranto.

Depois, tudo passou e, agora, — "trac-tara-rac... trac..." — diz ella, consolada:

— Não faz mal... Algum dia elle voltará para atravessar na minha "borboleta", e me vingo, trancando-lhe a passagem!

— Acredita, sinceramente, em que esteja vivo o Neville?

Sherlock pareceu ficar perplexo ante semelhante pergunta.

— Fale com sinceridade, insistiu ella, de pé, encostada em frente da cadeira em que se sentara Holmes e de olhos fitos nos olhos d'este.

— Para lhe falar verdade, não creio, minha senhora.

— Crê então que tenha morrido?

— Infelizmente, minha senhora.

— Assassinado?

— Não lh'o sei dizer. E' possivel.

— E em que dia morreu?

— Segunda-feira.

— Visto isso, senhor Holmes, muito me obsequiaria explicando-me como é então que eu hoje recebi esta carta d'elle.

Sherlock Holmes, deu um pulo na cadeira, como se o impellira uma mola.

— Que me diz? Hoje?

— Hoje, sim senhor.

E, risonha, mostrava uma folha de papel.

— Poderei ler?

— Certamente.

Arrancou-lhe, febril, a carta das mãos, e estendeu-a em cima da mesa no fóco da luz, afim de a examinar attentamente. Eu proprio me erguera da cadeira a olhar para a carta por cima do hombro d'elle. O envelloppe muito ordinario, tinha o carimbo do escriptorio de Gravesend e a data daquelle mesmo dia, ou antes, a da vespera, pois já passava da meia noite.

— A letra é vulgar, murmurou Holmes. Esta letra, com toda a certeza, não é de seu marido, minha senhora.

— Não, mas é d'elle a da carta.

— Vejo tambem que a pessoa que escreveu o sobrescripto, perguntou qual era a morada.

— Como é que o sabe?

— Queira ver com os seus proprios olhos. Repare bem. O nome está escripto com uma tinta muito preta que seccou por si. O resto apresenta essa côr pardacenta que assume a tinta enxuta com papel mata-borrão. Se o endereço fosse escripto sem interrupção e enxuto depois, como se explica que uma parte do mesmo esteja em letra tão preta? Este individuo escreveu primeiramente o nome e parou depois, antes de screver o endereço, o que prova sobejamente o não lhe ser este familiar. Parece de pouco valor este indicio, á primeira vista, mas com tudo

isso é possivel ter importancia. Vejamos agora a carta. Olá! Vem dentro um annel.

— Effectivamente, é o sinete de meu marido.

— E tem a certeza de que seja a letra de seu marido?

— Uma das suas letras.

— Uma dellas?

— A letra delle quando escreve ás pressas. Não se parece com a sua letra usual, e não obstante, reconheço-a optimamente.

— "Meu amor! Não estejas assustada! Tudo se ha de arranjar. Deu-se um equivoco um tanto sério, levará talvez tempo a esclarecer. Tem paciencia — Neville." Isto foi escripto a lapis na folha branca de um livro em oitava, sem filigrana. Hum! deitada no correio, hoje, em Gravesend, por um individuo que tinha sujo o dedo pollegar. Ah! e a parte do envelloppe que dobra para dentro foi collada, e se me não engano, por alguem que tinha mascado fumo. E tem certeza absoluta, minha senhora, como é a letra de seu marido?

— Absolutamente. Foi o proprio Neville quem escreveu estas linhas.

— Esta carta foi deitada ao correio, hoje, em Gravesend. Pois bem! Mistress Saint-Clair, vão-me parecendo menos turvos os ares; e todavia não me atrevo a esperar que o perigo se ache arredado de todo.

— Mas se elle está vivo senhor Holmes!

— A menos que esta carta não seja uma armadilha para nos desviar para um rastro errado. No fim de contas, o annel não constitue uma prova. Podem havel-o roubado.

— Não, não; a letra é a delle, tenho a certeza.

— Muito bem! E não obstante, esta carta póde ter sido escripta na segunda-feira e deitada no correio, hoje, tão sómente.

— E' possivel...

Se assim fôr, quantas coisas podem ter se passado neste intervallo.

— Ora! não desanime, senhor Holmes. Sei que não lhe aconteceu mal nenhum. Existe entre nós ambos tão terna sympathia, que eu, se lhe tivesse acontecido uma qualquer desgraça, sentil-o-ia, desde logo. O ultimo dia em que nos vimos, deu elle um golpe num dedo, no proprio quarto; estava eu nesse instante na sala de jantar e tive a tal ponto a intuição de que lhe acontecera um accidente, que deitei a correr para lhe acudir. Acredita, pois, que eu possa sentir abalo por uma bagatela e ignorar a sua morte?

— Tenho demasiada experiencia da vida, e como tal, não ignoro que a impressão de uma mulher, é muitas vezes mais verdadeira do que as conclusões do philosopho; e esta carta, é indubitavelmente uma prova de como pendia para o seu lado a verdade. Mas se seu marido está vivo e em estado de escrever cartas, porque é então que se conserva affastado da senhora?

— Não lhe sei dizer. E' caso extraordinario.

— E na quinta-feira quando daqui se ausentou, não faria uma qualquer allusão que pudesse guiar-nos?

— Nenhuma.

— E ficou attonita pelo facto de o ver na tal casa de Swandam-Lane?

— Estupefacta!

— E a janella, estaria aberta?

— Estava.

— Mas sendo assim, elle podel-a-ia ter chamado?

— Com certeza.

— E não obstante, soltou apenas um grito inarticulado, creio eu?

— Tal qual.

— Como quem pede que lhe acudam, não lhe parece?

— Exactamente. Fez com a mão um signal.

— O grito, proviria talvez da surpreza... do espanto de a ver quando menos o esperava.

— E' possivel.

— E pareceu-lhe que alguem o estaria puxando para traz?

— Desappareceu de repente.

— E não seria possivel que elle désse um salto do seu motu-proprio? Não viu ninguem em companhia delle no quarto?

— Não vi, mas aquelle homem hediondo confessou achar-se alli, e o Lascar estava no patim da escada.

— Perfeitamente. E crê que seu marido usava o facto do costume?

— O mesmo, mas sem collarinho e sem gravata. Vi-lhe distinctamente o pescoço nú.

— Elle referia-se alguma vez a Swandam-Lone?

— Nunca.

— Percebeu algumas vezes que elle fumava opio?

— Não.

— Muito obrigado, mistress Saint-Clair. Desejava ser cabalmente esclarecido acerca destes pontos. E agora, se nos dá licença, vamos cear, visto como, prevendo o dia arduo que amanhã nos espera, terminada que seja a ceia, temos de nos retirar.

Tinham posto á nossa disposição um quarto com duas camas, muito espaçoso e confortavel, e tratei logo de me deitar, tão derreado estava por aquella minha noite de tanto movimento.

Sherlock Holmes, comtudo, quando tinha que resolver um problema, era capaz de prescindir de descanço durante dias e dias, e semanas inteiras, etc.

Examinava a questão sob todas as phases até estar senhor do assumpto ou achar-se convencido de que eram insufficientes os dados de que dispunha. Percebi que tencionava passar a noite em claro, assim que o vi despir o jaquetão e collete, envergar um chambre azul, e medir o sobrado a largos passos.

Foi buscar os travesseiros da cama e as almofadas do sofá e das poltronas, e improvisou um arremêdo de divan oriental, sobre o qual se estirou, de pernas trancadas, tendo á mão uma porção de fumo e uma caixa de phosphoros.

Ao livido clarão do candieiro illuminando-lhe as accentuadas feições e o nariz aquilino, vi-o eu, sentado, com o venerando cachimbo de raiz entre os dentes, o olhar vagamente fito no tecto; e para alli estava, immovel, ao passo que o fumo do cachimbo subia, em roda delle, em espiraes azuladas.

A olhar para elle, adormeci. Não tinha mudado de postura quando acordado em sobresalto por abrupta exclamação, percebi que o sol estival principiava a alumiar o quarto. E Sherlock sempre de cachimbo na bocca; as espiraes de fumo, sempre a subirem para o tecto e a atmosphera do quarto pesada com os effluvios do tabaco consumido em toda a noite, pois nem vestigios restavam sequer do pacote que eu tinha visto a seu lado, no acto de adormecer.

— Acordado, Watson? perguntou.

— Estou.

— Prompto para um passeio matutino de carruagem?

— De certo...

— Então vista-se. Está toda a gente ainda a dormir, mas eu sei onde é o quarto do moço da estrebaria e num apice pomos na rua o carro.

Tinha o semblante risonho; luziam-lhe os olhos; estava outro homem, o tetrico pensador da vespera.

Fui deitando o olho para o relogio emquanto me ia vestindo. Não era motivo de admiração não se ouvir tugir nem mugir; eram apenas quatro horas e vinte e cinco minutos. Acabava eu de me vestir eis que volta Holmes a participar-me que o *groom* estava mettendo o cavallo aos varaes.

— Quero ensaiar um dos meus systemas especiaes, declarou ao calçar-se. Watson, tem ante os seus olhos o mais refinado idiota de toda a Europa. Mereço apanhar um valente pontapé. Mas estou crente de que tenho na mão a chave do negocio.

— E onde estava ella? — indaguei sorrindo.

— Na sala do banho, respondeu. E' isto que lhe digo, não cuide que é brincadeira, insistiu notando o meu trejeito de incredulidade. Agora, venho eu de lá, trouxe-a commigo e está ali dentro do meu sacco. Venha dahi, amigo, e veremos se se adapta ou não á fechadura.

Descemos a escada com pés de lã e saimos. Fulgia o sol em todo o seu esplendor. A meia duzia de passos do edificio, encontrámos a nossa carruagem, e de guarda a esta o moço da estrebaria, meio vestido. Subimos para o vehiculo de um pulo e disparamos por ali fóra, em direitura a Londres.

Encontramos uma ou outra carroça de vendilhões levando legumes para a metropole; as quintas que orlavam as estradas estavam, porém, immersas no mais profundo silencio.

— Curiosissima historia, exclamou de chofre Holmes mettendo o cavallo a galope. Estava cego como uma toupeira, devo confessal-o; mais vale porem adquirir tarde a sapiencia do que não a adquirir em absoluto.

Na cidade, para as bandas de Surrey principiavam os madrugadores a assomar á janella, com olhos ainda empapuçados de somno. Atravessamos o Tamisa pela ponte de Waterloo, depois, enfiamos pela rua de Wellington e voltando á mão direita, alcançamos Bow-Street. Sherlock Holmes era muito conhecido na cadeia central e os dois guardas de segurança, postados, á porta, cumprimentaram-n'o assim que o viram. Um delles segurou o cavallo ao passo que o outro nos facultava o ingresso.

— Quem está de serviço? indagou Holmes.

— O inspector Bradstreet, meu senhor.

— Olá, Bradstreet, como vae a saude?

O empregado a quem se dirigia era um homem corpulento, que corria a receber-nos por um corredor ladrilhado. Trazia na cabeça um bonnet de pala e trajava um jaquetão.

— Deseja falar-lhe, Bradstreet.

(Continúa na pag. seguinte)

—A's suas ordens, senhor Holmes, queira entrar para aqui, para o meu escriptorio.

Era um recinto acanhado com uma mesa sobre a qual estava um immenso registro; fazia saliencia na parede um telephone. O inspector sentou-se á secretaria.

—Que manda, senhor Holmes?

—Vim falar com o senhor a respeito daquelle mendigo, do Boone, que se acha envolvido no tal negocio do sumiço de mister Neville-Saint-Clair, de Lee.

—Ah, sim, bem sei. Compareceu e depois, foi adiada para mais tarde o inquerito.

—Assim me constou. Elle está aqui?

—Está, no calabouço.

—E está socegado?

—Ora! não dá trabalho de qualidade nenhuma; mas até dá vomitos, de porco que é.

—Porco?

—Porquissimo!... O mais que delle pudemos alcançar foi lavar as mãos; quanto á cara, é negra que nem a de um carvoeiro! Em todo o caso, quando lhe chegar a sua vez de ser julgado, prega-se-lhe um banho á força, e não é por luxo, acredite.

—Tenho empenho em ver esse homem.

—Deveras? Lá isso é facil. Venha commigo. Pode deixar aqui o seu sacco.

—Obrigado, prefiro leval-o.

—Como quizer. Venha por aqui, faça favor.

Levou-nos por um corredor, abriu uma porta que estava fechada com uma tranca de ferro, desceu por uma escada de caracol e guiou-nos através de um corredor caiado, para o qual abria, de cada lado, uma fileira de portas.

—O calabouço é o terceiro, á direita, declarou o inspector.

Abriu o postigo superior da porta e poz-se a espreitar pela abertura.

—Está a dormir, declarou, pode vel-o á sua vontade.

Acercamo-nos ambos da grade e vimos o preso, deitado, com a cabeça voltada para nós; dormia a somno solto; a respiração era lenta e profunda.

Era homem de meia estatura e grosseiramente vestido, conforme convinha á sua condição; usava uma camisa de côr que, se entrevia através dos rasgões do jaquetão, todo elle farrapos.

Conforme nos dissera o inspector, estava immundo mas a côr negra que lhe enfarruscava o rosto escondia apenas de modo imperfeito a repellente fealdade do individuo.

Cortava-lhe a cara uma larga cicatriz, desde o olho esquerdo á barba, e o ferimento que a produzira, cicatrizando-se, arregaçara-lhe de uma banda o labio superior, descobrindo-lhe, ipso-facto, tres dentes que lhe communicavam a expressão de um cão de fila. Tapava-lhe a testa e, em parte, os olhos, uma grenha de cabello ruivo assanhado.

—Uma lindeza, não acha? commentou o inspector.

—Elle, aqui para nós, do que está precisado, é de uma lavagem, replicou Holmes. Estava desconfiado disso mesmo, e á cautela, trouxe commigo o preciso para esse fim. Abriu o sacco de mão e tirou de dentro, com grande espanto meu, uma immensa esponja de banho.

—Essa agora! Sempre tem cada idéa, disse o inspector, devagarinho, e verá que daqui a nada, ha de ter uns ares de muito mais decencia.

—E em tudo a ganhar com isso, que elle, diga-se a verdade, nem por isso honra muito a cadeia de Bow Street.

Metteu a chave na fechadura e démos entrada todos tres no calabouço, abafando os passos.

O preso voltou-se a meio, depois tornou a cahir num somno de pedra. Holmes acercou-se do jarro, humedeceu a esponja e esfregou com muita força por duas vezes, o rosto do individuo.

—Permittam-me que lhes apresente, exclamou, mister Neville, de Lee, condado de Kent.

Nunca em dias de minha vida presenciei espectaculo semelhante. O semblante daquelle homem transformara-se ao contacto da esponja molhada; dir-se-ia que lhe haviam eliminado uma crosta. A tinta escura desapparecera assim como tambem a horrivel cicatriz que lhe costurava o rosto. O labio reassumira a posição normal e aquelle seu riso de escarneo esvaira-se de todo.

Com um puxão, lá se foi de uma vez a cabelleira ruiva: nem vestigios siquer ficaram do mendigo hediondo naquelle homem pallido, tristonho, de aspecto distincto, com a pelle fina e os negros cabellos: sentado na enxerga, a esfregar os olhos, olhando em redor com o atordoamento de quem acorda de sobresalto.

Avaliou a situação e, soltando um berro, escondeu o rosto no travesseiro.

—Santo Deus! exclamou o inspector; effectivamente, cá está o homem á procura de quem andamos! Conheci-o pela photographia.

O prisioneiro olhou para nós com a indifferença propria de um homem que se entrega á sua sorte.

—Tanto peor! disse. Poderei saber de que é que me criminam?

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno..... (52 ns.) ...... 48$000
Semestre (26 ») ...... 25$000

(Registada)

Anno..... (52 ns.) ...... 70$000
Semestre (26 ») ...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno..... (52 ns.) ...... 78$000
Semestre (26 ») ...... 40$000

(Registada)

Anno..... (52 ns.) ...... 115$000
Semestre (26 ») ...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia, 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

INSTITUTO DE UROLOGIA DO RIO DE JANEIRO

RUA BUENOS AIRES, 85 IV ANDAR

Director: DR. EDSON AMARAL

Chefes de clinica: DRS. ARLINDO ESTRELLA e ALBERTO CARAVELLI

OPERAÇÕES — PARTOS — MOLESTIAS DAS SENHORAS — VIAS URINARIAS (GONORRHEA e suas complicações, estreitamentos da urethra, cystites, orchytes, prostatites, vesiculites, etc.)

Dôres do utero e dos ovarios, menstruações dolorosas, hemorrhagias, etc.

Plastica dos seios e dos orgãos genito-urinarios. Manchas e signaes da face.

Tratamento da fraqueza sexual no homem e na mulher.

ULTRA-VIOLETA — DIATHERMIA — ALTA FREQUENCIA

Das 12 ás 20 horas

CONSULTORIO MEDICO DO LEME

RUA SALVADOR CORRÊA, 51

Tels.: 7 - 2352 e 7 - 4229

Soccorros Urgentes

— Consultas das 8 da manhã ás 10 da noite —

Chamados á domicilio a qualquer hora da noite

ULTRA-VIOLETA para tratamento da pelle e das creanças a 10$ a applicação.

— CONSULTAS A PREÇOS POPULARES —

Applicação de injecções ao alcance de todos

NUNCA SE ARREPENDERÃO!

as senhoras que fielmente e todos os dias empreguem o Crème Simon na sua toilette.

Ele suavisa, branqueia, alimenta a pele, evita as rugas e dá á tez um aveludado maravilhoso.

O seu exito mundial que data de ha 70 anos deve-se exclusivamente á sua irrepreensivel preparação.

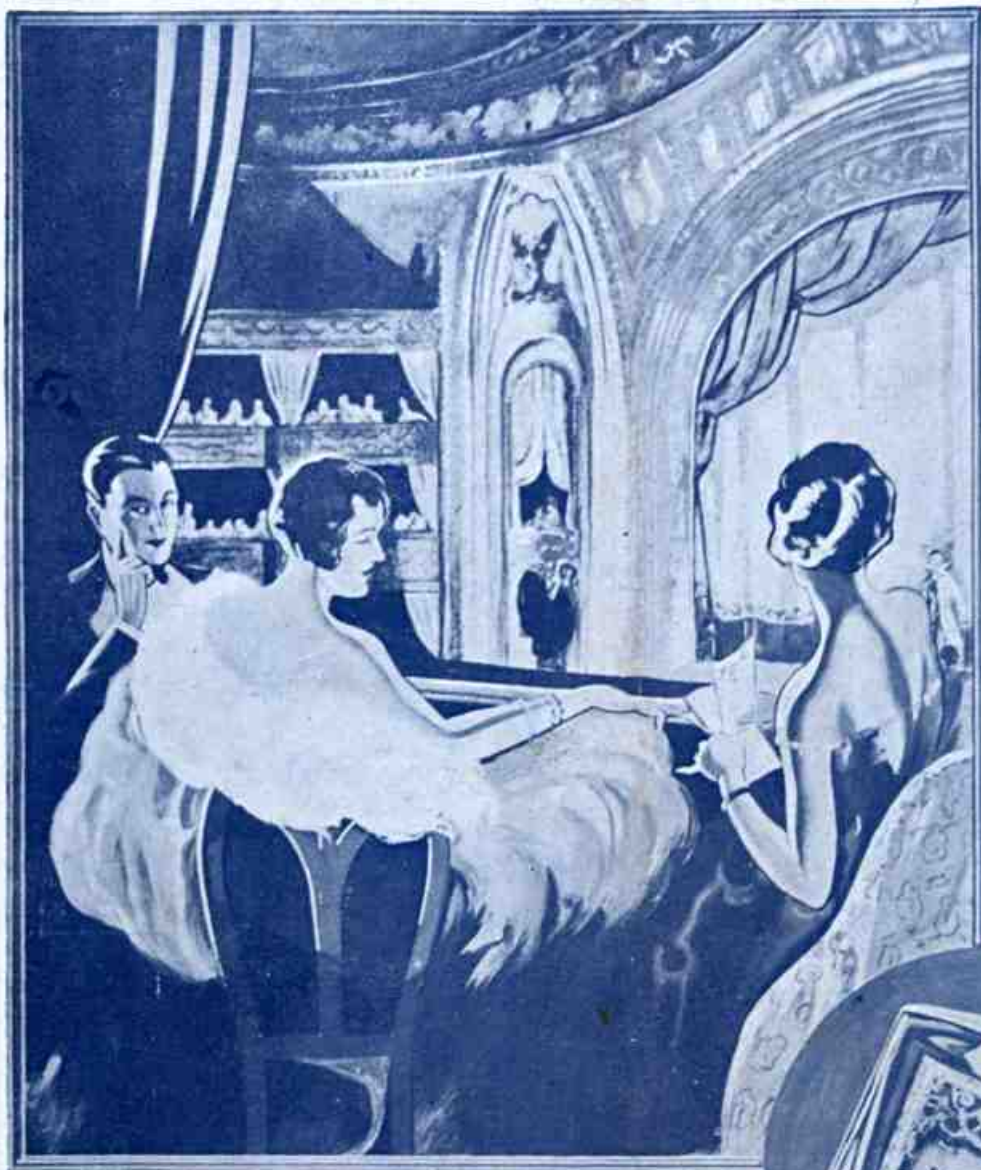
Recomendado por medicos de todo o mundo, é incomparavel, o

CRÈME SIMON

PARIS

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

RUA ARISTIDES LOBO, 115 — TELEPHONE 8 - 3975 — RIO

Quarto de 1.ª classe

ROYAL BRIAR

A SÉRIE DE OURO DAS PESSOAS DE FINO GOSTO

Loção
Agua de Colonia
Brilhantina
Pó de Arroz
Bandolina
Perfume

A' venda em todo o Brasil!